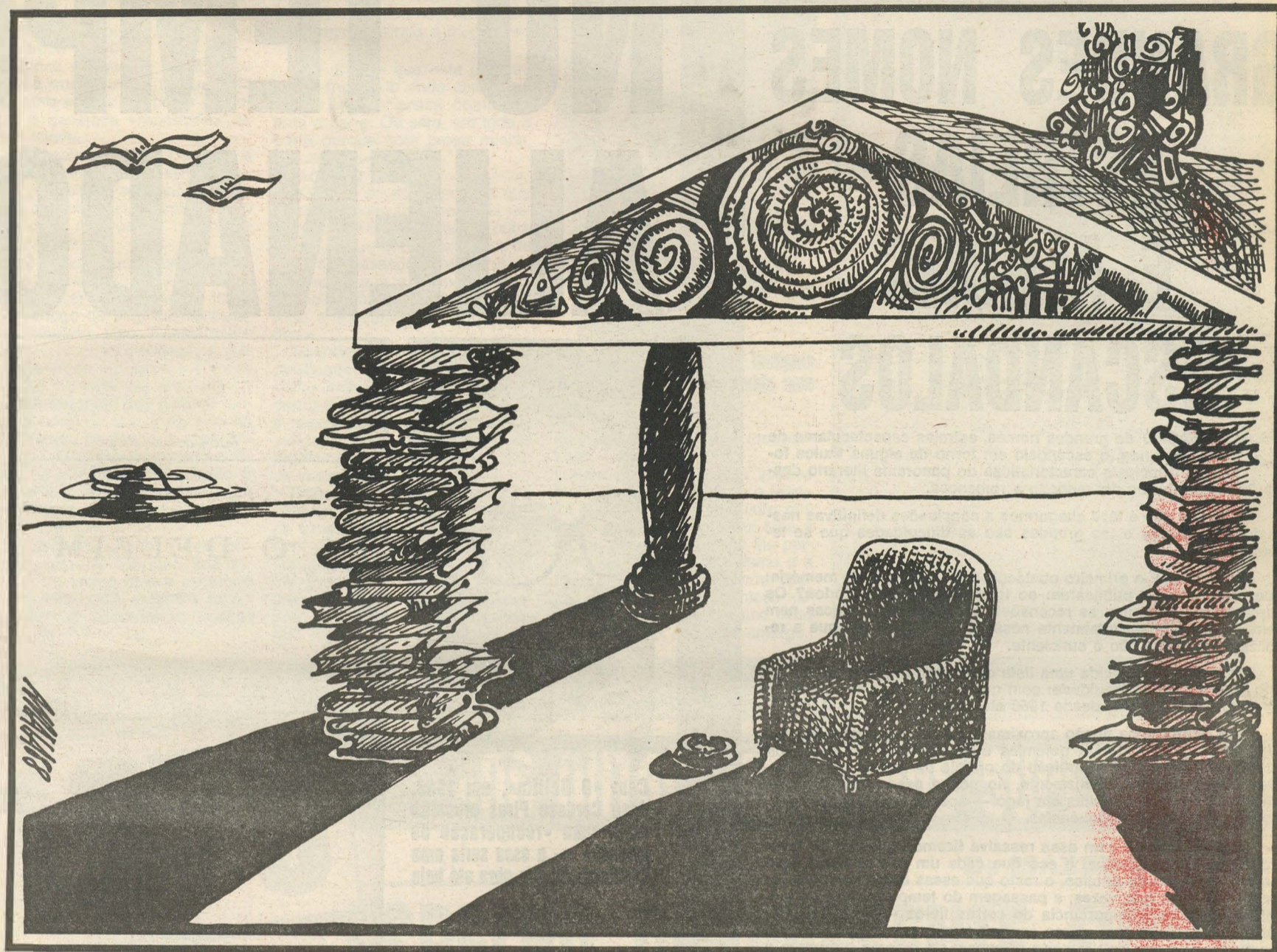


HONRA ÀS LETRAS



LIVROS À DESCOBERTA DE NÓS TODOS

20.º ANIVERSÁRIO — N.º 7

A CAPITAL

Director: RODOLFO IRIARTE

Suplemento
do jornal
«A Capital»

NÃO PODE SER VENDIDO
SEPARADAMENTE DA EDIÇÃO
DE 27 DE FEVEREIRO DE 1988

A CAPITAL

Vinte
anos

GRANDES NOMES ESTREIAS E ALGUNS ESCÂNDALOS

CONFIRMAÇÃO de grandes nomes, estrelas espectaculares de outros e, ainda, o escândalo em torno de alguns títulos foram as principais características do panorama literário destes 20 anos, no que diz respeito a romances.

Claro que não é fácil chegarmos a conclusões definitivas neste domínio, tantas e tão grandes são as dificuldades que se levantam.

Por exemplo, o primeiro obstáculo a transpor é o de memória: que romances se publicaram ao longo destes anos todos? Os suplementos literários, as resenhas, as referências críticas nem sempre nos ajudam totalmente nessa tarefa inicial, em que a recordação pessoal não é suficiente.

Uma vez estabelecida uma lista de títulos, ergue-se diante de nós uma segunda dificuldade: com que critério escolher o *melhor* romance de cada ano, desde 1968 até agora?

Para termos uma noção aproximada da complexidade de uma tal tarefa basta lembrar a polémica ou a controvérsia suscitada nos últimos anos pela atribuição do prémio da Associação Portuguesa de Escritores... Felizmente, no nosso caso, não há galarções nem grandes quantias em jogo — apenas uma escolha pessoal, nossa, sem conseqüências.

Todavia, mesmo com essa ressalva fizemos questão de levar em conta, nesta escolha, o eco que cada um destes livros teve junto da crítica e do público, o rasto que essas obras deixaram ao longo dos anos (por vezes, a passagem do tempo ilumina de maneira fulgurante a importância de certos livros — ou a sua ilusão...), os prémios que quase sempre (mas nem sempre) consagraram o valor real de um certo romance, até mesmo o número e quantidade das tiragens ou as discussões, públicas ou de café, em torno de um determinado título — tudo isso influiu na selecção dos 20 melhores ou mais importantes romances do período 1968-1988 que aqui apresentamos.

Por esta lista se pode ver que estas duas décadas se encarregaram de confirmar a importância de nomes como os de José Cardoso Pires, Vergílio Ferreira, Agustina Bessa-Luís, José Saramago, Carlos Oliveira e Fernanda Botelho ou mesmo de um António Lobo Antunes ou Mário Henrique Leiria.

Ora se cada um deles teve um livro que se destacou num destes anos isso não significa que esse tenha sido o seu melhor livro, a sua «obra-prima»; simplesmente, circunstâncias houve que o transformaram em objecto de atenção especial por parte do público ou da crítica e, ocasionalmente, desses dois juizes em simultâneo.

Também nestes 20 anos se verificaram estreias surpreendentes, como as de Dinis Machado e Mário Zambujal, ou até mesmo as de Jorge de Sena e de David Mourão-Ferreira, que se revelaram subitamente como romancistas já depois de os conhecermos como autores de nomeada noutros domínios.

Finalmente não podemos esquecer o escândalo que rodeou a publicação das «Novas Cartas Portuguesas» e o longo processo em tribunal das suas autoras, que ficaram conhecidas pelas «três Marias», assim como o «sururu» que se criou em torno da atribuição de certos prémios literários e alguns romances, com clamoroso esquecimento de outros. Felizmente, por vezes, o público acabou por repor as coisas nos seus devidos lugares, dando a preferência a um ou outro dos romances que os júris rejeitaram.

Resumindo, a lista dos «maiores» aqui fica em letra de forma, neste balanço de 20 anos que desejámos fosse objectivo e nunca apaixonado.

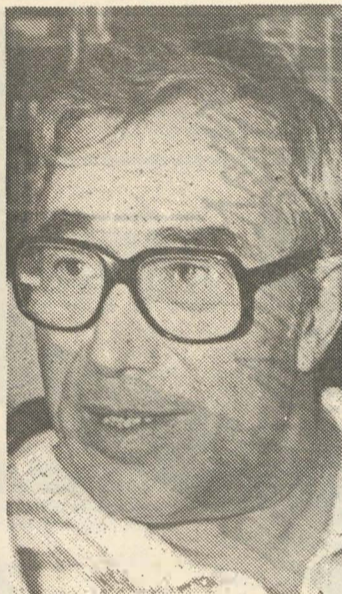
Coordenação de
ANTÓNIO CARVALHO

1968

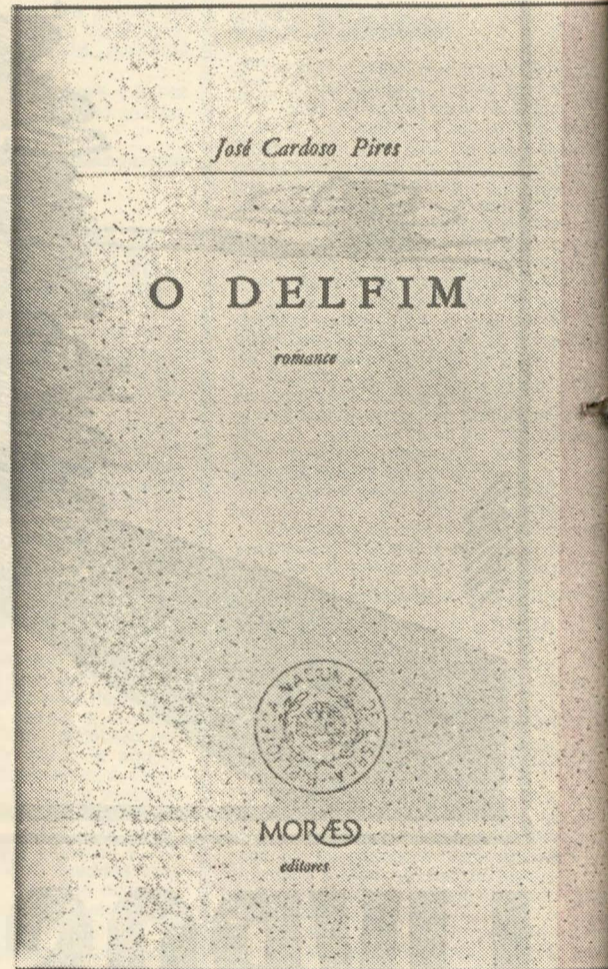
«O DELFIM»

De JOSÉ
CARDOSO PIRES

NO TEMPO ALIENADO



Com «O Delfim», em 1968, José Cardoso Pires procurou fazer uma «recuperação da verdade» — e essa seria uma constante da sua obra até hoje



EM 1968 o grande romance foi «O Delfim», de José Cardoso Pires. Ainda o romance se encontrava em provas já «A Capital» (apenas com três meses de vida) dava conta da importância deste livro, através de uma longa entrevista com o autor.

Nela Cardoso Pires explicava que tinha querido descrever «o tempo de um meridiano histórico nas suas abstracções». «Todo este romance é uma recuperação constante da verdade», dizia.

O Delfim é um engenheiro descendente de lavradores que estabelece a sua trajectória em torno de uma lagoa tutelar.

«Um mundo entre dois pólos de ruínas. Nas raízes da aldeia um estendal de grandezas romanas registadas no memorial de um abade cisterciense: na linha dos montes uma casa destruída sobre a lagoa.»

Gafeira, o lugar onde tudo se passa no espaço deste romance, não existe, foi inventada pelo autor. «Por baixo deste meu posto sobre a Gafeira, por baixo da loja que a dona da pensão transformou em sala de jantar e mais fundo ainda, trinta ou quarenta palmos mais fundo, tenho aquedutos subterrâneos (abade Agostinho dixit), opulência, pegadas de um tribuno ocupador, Octavius Teophilus, varão consular. Estou sobre um ossário da História. Os ciclistas e as viúvas-de-vivos passeiam-se sobre ela.»

Tomás Manuel da Palma Bravo, engenheiro silvicultor, chega a casa no seu potente jaguar e encontra a mulher, Maria das Mercês, afogada na lagoa, com os cabelos a ondular à flor da água.

Mas, segundo o autor, o personagem principal é o tempo alienado, física e historicamente alienado, e não o engenheiro, a lagoa, o narrador ou o jaguar.

José Cardoso Pires fez um primeiro esboço deste livro ainda em Outubro de 1961, ou seja, antes da publicação de «O Hóspede de Job». Fez o esboço e nunca mais lhe pegou, como aliás aconteceu com outros romances. «O Delfim» viria a ter cinco versões diferentes antes da definitiva.

Quando o livro foi publicado houve quem se chocasse com o estilo, inesperado, adoptado pelo escritor na sua narrativa. Mas José Cardoso Pires já tinha respondido antecipadamente às dúvidas que pudessem surgir a esse respeito, dizendo:

«A verdade é que quem corre atrás do público nunca se encontra com ele. Um livro é uma trajectória que vem de outro lado qualquer que não é o do leitor mas que se chocou com a dele. Para ser livro tem de contar com a experiência do leitor e com a capacidade que ele tem de também criar lendo.»

E acrescentava que talvez devesse ter chamado «memória descritiva» a este livro, em vez de romance. Como na arquitectura.

1969

«A NOITE E O RISO»

De NUNO BRAGANÇA

ATÉ AO FUNDO DA FORMA

«Só a escrever alcançarei a mansidão de quem possui a Terra» — dizia Nuno de Bragança, o autor de «A Noite e o Riso», o mais importante livro de 1969. «A Noite e o Riso» foi a sua estreia no mundo das letras. Depois deu-nos «Directa», «Square Tolstoi» e «Estação e Outros Contos», vindo a morrer em Fevereiro de 1985.

Nunca chegámos a saber se esses quatro livros tinham sido bastantes para ele poder alcançar a desejada «mansidão» de que falava.

Mas sabemos que «A Noite e o Riso», sem ser um livro «manso» (antes pelo contrário), definia já o projecto deste escritor, como ele dizia através de interposta personagem:

«O escritor português do século vinte, segunda metade, deve saber mergulhar na tradição e logo de seguida regressar à superfície, vivo. Exactamente como um caçador submarino que desce doze ou quinze metros abaixo da tona do oceano para arpoar um mero que está no fundo, à porta da sua gruta. Não há escafandro para este tipo de actividade. O ar que nos mantém vivos, lá em baixo, foi sorvido à superfície, à qual pretendemos voltar logo que possível. Isto é, logo que com peixe.

«Assim eu sonho o meu primeiro livro. No qual não faria outra coisa senão este ir ao fundo necessário para arpoar a forma possível. A minha forma, evidentemente.

«No dia em que este primeiro passo tiver sido dado começarei a ser eu. Na prosa como em toda a parte. Ou seja, em toda a parte porque com prosa minha, descoberta.»

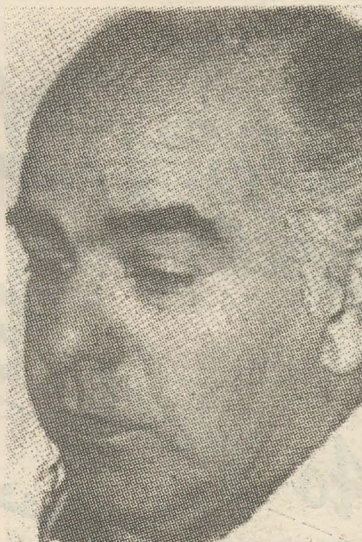
Ou ainda:

«Os que de nós humanos que carregam hoje a interminável faina de escrever não fazem outra coisa do que confirmar a luta de seus antepassados caçadores.»

«Deixar que a palavra escrita acabe achando o orgasmo perfeito e infundável do rigor poético.»

Quando «A Noite e o Riso» foi publicado, um crítico exigente como João Palma-Ferreira considerou-o um «livro inteligentíssimo e sagaz» a muitos títulos «notável» que vinha «levantar alguns problemas maiores na discussão do nosso "tempo"».

Retrato da Lisboa dos anos cinquenta, mas também «aventura biográfica numa atmosfera com cambiantes de organização surrealista», o romance foi buscar precisamente o seu título a um autor surrealista, Mário Cesariny de Vasconcelos: «Convén que seja noite porque ele ri/ e o



Nuno Bragança deu-nos imagens de uma noite lisboeta vivida com riso amargo

seu riso é uma coisa insuperável.»

Para muitos dos seus leitores mais atentos, «A Noite e o Riso» foi o melhor livro dos quatro que Nuno Bragança escreveu. Mas a morte, aos 55 anos, não lhe permitiu superar-se a si mesmo e a esse êxito inicial. Ficou-nos, apesar de tudo, uma espantosa sucessão de imagens de uma noite lisboeta vivida com riso amargo.



1970

«OS OUTROS LEGÍTIMOS SUPERIORES»

De ISABEL BARRENO

ESPELHO DO PRESENTE FUTURO

EM 1985 Lobo Antunes publicou aquele que é, quanto a nós, o seu melhor romance até hoje — «Auto dos Danados» — e que veio a conquistar o Grande Prémio da Associação Portuguesa de Escritores.

Neste sexto romance, Lobo Antunes mergulha em memórias pessoais e íntimas para traçar o quadro de uma família no período mais «quente» da revolução.

«No fundo, isto é um teatro de robertos, de fantoches trágicos» — dizia-nos o autor, comentando este livro em que descreve o desagregar de uma família, «uma daquelas famílias que existiam antes de 25 de Abril de 1974 — e que ainda hoje existem».

Diversos membros dessa família tomada como modelo surgem um a um em cena e contam-nos a sua própria destruição e a do universo à sua volta. E fazem-no de uma forma cruel, terrível, trágica, por vezes verdadeiramente demencial.

Lobo Antunes ainda pensou em encontrar uma maneira diferente de dizer (um tom de voz, uma linguagem) para cada um dos vários personagens do romance. «Mas depois pensei: são títeres, são como robertos (eu gosto muito do teatro de fantoches, na praia, com os miúdos...). Então, para conseguir mais efeito, talvez tenha de os pôr a falar todos da mesma forma, com a mesma voz. No fundo, isto é um teatro de robertos, de fanto-

ches trágicos.»

O agente americano de Lobo Antunes comparou este romance ao filme «Shining», de Stanley Kubrick, por ser igualmente apavorante e envolver todos os personagens na mesma rede de horror e de destruição mútua.

Mas também se pode considerá-lo como uma espécie de «descida aos infernos» do próprio autor que reconhece que o livro pode ter uma função de catarse, embora o seu sonho fosse «escrever um livro do qual as pessoas saíssem de gatas»...

Efectivamente, «Auto dos Danados» é um romance difícil de ler, pelo ambiente infernal, de «danção universal», que consegue mostrar. O inferno que os personagens carregam dentro de si tem o seu clímax numa festa meio-pagã, meio-cristã, que decorre em Monsaraz.

No entanto, apesar desse ambiente opressivo, o romance termina com uma réstea de esperança:

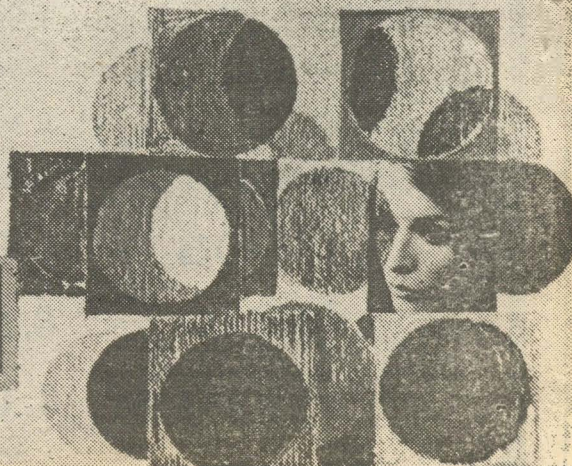


Isabel Barreno escreveu em 1970 um «folhetim de ficção científica»

na casa vazia, saqueada, há uma mulher que espera um homem feito em farrapos, apenas porque lhe passou pela cabeça que podia precisar de si...

Médico e escritor, cada vez mais escritor e menos médico, Lobo Antunes confessa-nos a propósito deste livro: «Às vezes sinto que se não escrever estou a renegar, a trair qualquer coisa que me deram e que tenho obrigação de fazer.»

MARIA ISABEL BARRENO
OS OUTROS
legítimos superiores

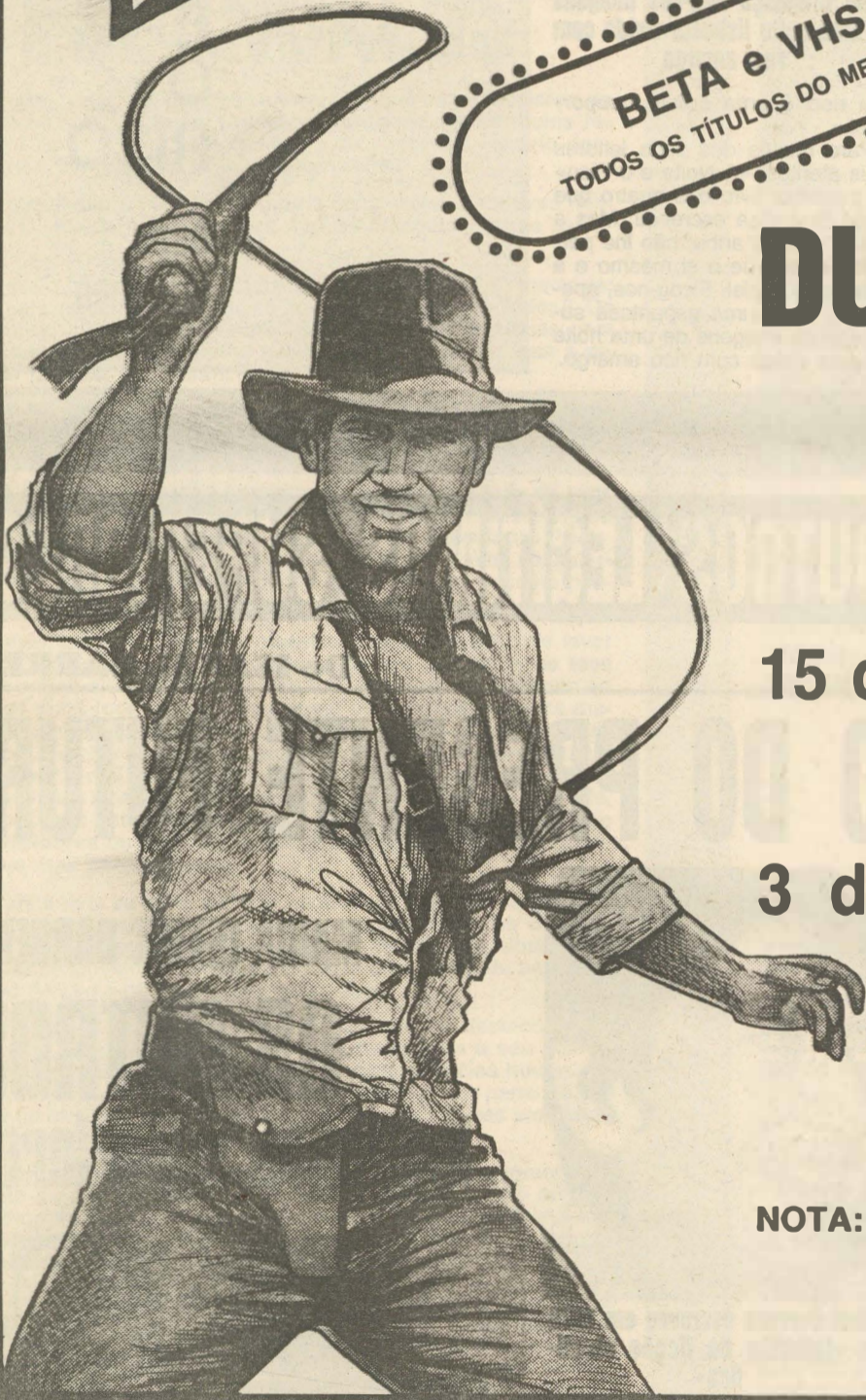


CLUBE DE VIDEO

INDIANA JONES

Ato nível Europeu!!!

BETA e VHS
TODOS OS TÍTULOS DO MERCADO



DUAS MODALIDADES

COM JÓIA

15 dias de prazo por 300\$00

SEM JÓIA

3 dias em seu poder por 300\$00

NOTA: Temporariamente, estas condições vigoram só em LISBOA

Lisboa — C. C. OLAIAS

LOJA-126

TEL: 88 24 66

Porto — C. C. DALLAS

LOJA-130

TEL: 69 49 82

Porto — C. C. BRASILIA (PARTE NOVA-5º PISO) LOJA-218

TEL: 69 86 92

Serviços computadorizados por SONINFO - Porto

1971

«NÍTIDO NULO»

De VERGÍLIO FERREIRA

CONDENADO À VIDA

«**A** GORA a praia está deserta. Os últimos banhistas subiram a longa escadaria, desapareceram há dias atrás da falésia. E, estranha, uma melancolia cresce como erva, deixa um rasto nas coisas. Memória do que morreu, subtil, do que vibrou — e a indiferença da terra, da luz. Do mar. Ou talvez que tudo nasça da certeza do meu fim. Condenado à morte — quando me executarão? — estou aqui à espera nesta prisão junto à praia.»

Desde as primeiras linhas do seu romance «Nítido Nulo», publicado em 1971, Vergílio Ferreira define a situação do seu personagem: num forte diante do mar e de uma praia deserta, um homem (simultaneamente o narrador) espera a hora em que vai ser executado.

E enquanto aguarda o terrível instante, viaja através da memória, recordando a vida que viveu. E ao mesmo tempo procurando saborear cada momento que passa, como se fosse único e último: «Uma vaga passa, invisível e grande, ao balancear dos meus olhos pelo horizonte, sinto-me bem. É uma hora suspensa, creio que é razão. Houve o amanhecer já antes, vai haver a tarde depois, agora não há nada entre antes e depois. É uma hora absoluta, creio que devia nascer um deus.» «Quanto a esta hora, é flagrante e inteira, há-de haver um deus qualquer à sua espera.»

No balanço de vida conclui: «Decifrei a vida até onde havia vida a decifrar. Apostei com ela e ganhei.»

E, apesar de tudo, ainda procura a «palavra necessária», «a palavra para ser, sem ela não sou», palavra de resignação ou de alegria.

Uma a uma, vêm até ele as memórias das mulheres que conheceu: Sara, Vera, Marta, Lúcia, sobretudo Sara. E a velha casa, a tia Matilde, a criada Dolores e o gato «Tareco». «Na triangulação dos três, eu não tinha um lugar certo, porque era dos mimos da Dolores que dizia ter-me criado, ou da tia Matilde, que me dava educação, ou mesmo do gato, a que eu fazia judiarias antes de ele estar inválido.»

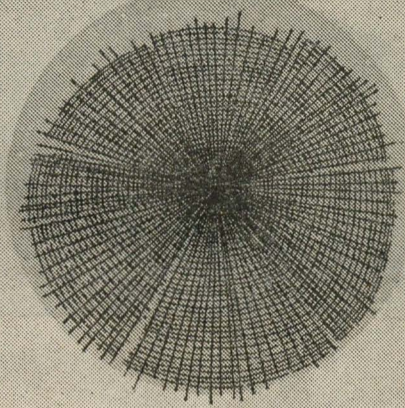
Entre a luz nítida e o horizonte nulo, Jorge, o condenado, recorda também a sua actividade política, a que acabou por levá-lo à prisão e, em breve, à morte por fuzilamento. O país é dirigido por um chefe do governo com cento e cinquenta anos. «É uma idade bonita. Não, porém, muito avançada em relação ao avanço dos princípios que nos regem e têm já mais de quinhentos. As leis, os costumes. As instituições. A moral. As ciências, as



Viagem através da memória com «Nítido Nulo», de Vergílio Ferreira

artes.» (...) «Uma rede de arame cruzava todo o país, arame ferrugento. Pelos intervalos passava a vida. E nos cruzamentos estava um polícia.»

No final, diante do pelotão de fuzilamento, só um cão ladra à proximidade da morte. Mas é também abatido. Ficam apenas o mar, sempre, o sol e «o céu sem uma nuvem».



VERGÍLIO FERREIRA

NÍTIDO NULO

1972

«NOVAS CARTAS PORTUGUESAS»

De MARIA ISABEL BARRENO • MARIA TERESA HORTA • MARIA VELHO DA COSTA

TRÊS MULHERES EM TRIBUNAL

«**N**OVAS CARTAS PORTUGUEASAS», publicado em 1972, foi certamente o livro mais polémico dessa década, tendo inclusivamente suscitado um processo em tribunal posto às suas autoras: Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa.

As «três Marias», como passaram a ser chamadas, tinham ultrapassado os limites da tolerância de uma sociedade bem pensante que não estava ainda pronta — nem queria estar — para aceitar sem relutância as manifestações da escrita «feminina» ou «no feminino».

Tudo porque três mulheres, três nomes de relevo nas letras portuguesas, tinham ousado oferecer ao público um testemunho colectivo e convergente da problemática feminina, tomando como pretexto a tradição da literatura feminina do século XVII, tal como foi representada por soror Mariana Alcoforado.

«Novas Cartas Portuguesas» estava, portanto, destinado a ser uma pedrada no charco de uma época morna. E as autoras sabiam-no, apresentando o livro assim: «“Novas Cartas Portuguesas” (ou de como Maina Mendes pôs ambas as mãos sobre o corpo e deu um pontapé no cu dos outros legítimos superiores).» Na mistura dos títulos dos romances que tinham escrito até aí, as três Marias mostravam o seu projecto de escrita colectiva e de reptó à opinião pública do País.

Leia-se, por exemplo, a terceira carta:

«Considerai, irmãs minhas, cá hoje e ensoalhada a febra por este brando sol se repartindo e bem rendido, turista o dar e o brotar para esta novidade literária que há-de vender-se, eu vos asseguro, ó seis patinhas sonsas de nós três caminheiras, considerai cá hoje e abri-vos — nós para nós e eles. Considerai a cláusula proposta, a desclausu-



Em 1972 as «três Marias» deram escândalo com «Novas Cartas Portuguesas»

ra, a exposição de meninas na roda, paridas a esconsas da matriz de três. Moças só meio meninas bem largadas da casa de seus pais e arrematados já seus dotes em leilão de país. Nem vai ser isto, pois não é? Que vai ser de nós e Mariana depois desta partida, choro de ausência, de alguma falta, falha de Mariana ou quem — ou dela querer sabê-la?

Só que Beja ou Lisboa, de cal ou de calçada — há sempre uma clausura pronta a quem levanta a grimpá contra os usos:

freira não copula
mulher parida e laureada
escreve mas não pula
(e muito menos se o fizer a três)
com a literatura,
LITERATURA, não se faz
rodinhas

— porém, ledores, haveis comprado Mariana e nós, tendo ela montado o cavaleiro e bem no usado para desmontar suas/doutras razões de conventuar.

E nós, e nós, de quem, a quem o rumo, os dizeres que nem assinados vão, o trio de mãos que mais de três não seja e anónimo o coro? Oh quanta problemática prevejo, manas, existiremos três numa só causa e nem bem lhe sabemos disto a causa de nada e por isso as mãos nos damos e lhes damos nos damos o redondo da mão, o som agudo — a escrita, roda de saias-folhas, viração de quê? Garantia porém a quem folheia — o tema é de passagem, de passionar, passar paixão e o tom é compaixão, é compartilhado com paixão.»

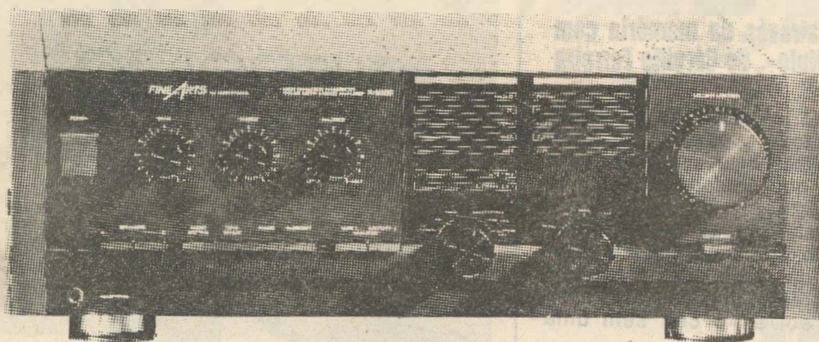
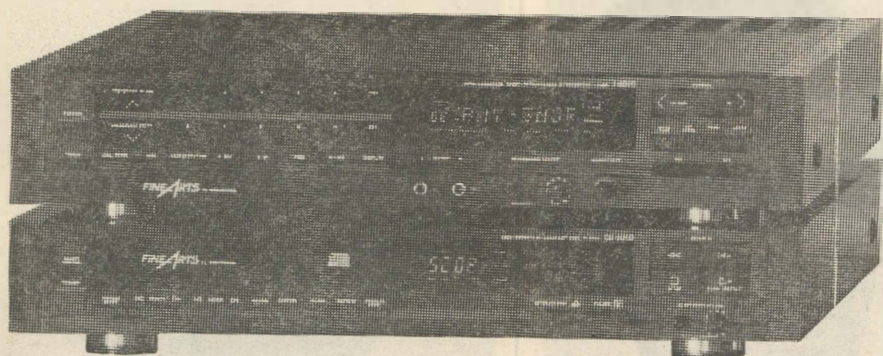
MARIA ISABEL BARRENO
MARIA TERESA HORTA
MARIA VELHO DA COSTA

COLEÇÃO SERPENTE



A. OLIVEIRA

ELECTRODOMÉSTICOS



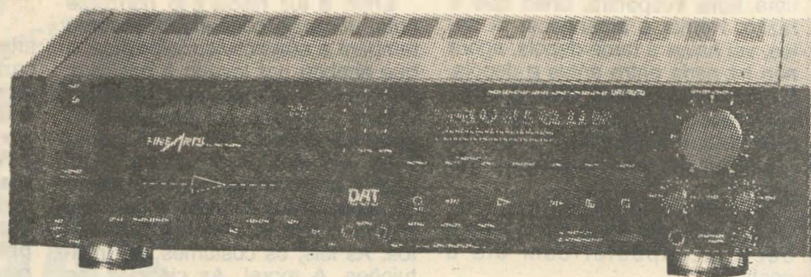
PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO



GRUNDIG

HI-FI

COM **DAT** — DIGITAL ÁUDIO TAPE
INSUPERÁVEL PUREZA DE SOM



Av. Almirante Reis, 91-A • 1100 LISBOA
Telefones: 82 19 38 - 82 25 87 - 82 26 23



GRAVURAS: Originais francesas, inglesas e suíças
AGUARELAS: Aniceto, Espinaux e José Bello
SERIGRAFIAS: Botelho, Bravo da Mata, Cargaleiro, Carlos Dages, Cutileiro, David Almeida, Gentil, Horta Costa, Yeco, Maluda, Martha Telles, Molina, Thomaz Mello (Tom)

Fazem-se molduras em todos os estilos

LOJA 21 e LOJA 24 — Centro Comercial SOPAL — Rua Ivens, 58 — Telef. 32 22 56 — 1200 LISBOA
LOJA 10 — Complexo Comercial Pingo Doce de Linda-a-Velha — Av. 25 de Abril — Telef. 419 96 53
— 2795 LINDA-A-VELHA

R. ANDRADE
SOFTWAREHOUSE

DEPARTAMENTO DE INVESTIGAÇÃO — Informa que serão lançados BREVE-
MENTE no mercado os seguintes programas (c):

- INTERPRETADOR / TUTOR LINGUAGEM C
- RA TOOLS (UTILITARIO PARA COPIAR, EDITAR, ETC...)
- FACTURACAO/STOCKS PARA PC/XT/MS-DOS
- P.O.C. (PLANO OFICIAL DE CONTABILIDADE) PARA MSX
- TODA A BIBLIOTECA CPM-80 ADAPTADA PARA MSX

DEPARTAMENTO COMERCIAL — Informa que vende, instala, dá assisten-
cia técnica e apoio de e em software para:

- COMPAQ
- IBM
- PHILIPS (COMPATÍVEIS/MSX)
- EPSON
- CITIZEN
- BREVEMENTE TANDON IMPORTADO DIRECTAMENTE A PREÇOS REALISTAS.

A GARANTIA E RESPONSABILIDADE DE SERMOS

R. ANDRADE

Av. 5 de OUTUBRO, 134-R/C. ESQ. T. 73 44 19
1000 LISBOA

À CAPITAL
R. ANDRADE
DESEJA-LHE UM
FELIZ ANIVERSÁRIO

1973

«NOVOS CONTOS DE GIN»

De MÁRIO-HENRIQUE LEIRIA

HUMOR CRUEL COM GELO

EM 1973, Mário-Henrique Leiria publicou «Novos Contos do Gin», cerca de 60 textos curtos contando outras tantas histórias espantosas de humor e de cruel ironia.

Com um toque surrealista, como não podia deixar de ser, tratando-se de um autor que tinha pertencido exactamente ao Grupo Surrealista de Lisboa em 1948-49. No entanto, ele nunca aceitou rótulos, embora confessasse que alguma coisa lhe tinha ficado daquela experiência, «sobretudo aquele humorzinho negro de que todos nós gostamos».

Um outro antigo surrealista, Alexandre O'Neill (que também não aceitava essa designação, «porque o surrealismo nunca existiu»), dizia de Mário-Henrique Leiria que «nele o sorriso esconde o rictus e a flor dos lábios o dentário aqueduto da caveira. Destes arquétipos de má literatura extraio, ao invés do que se poderia supor, salutar razão de optimismo. Recalcou o lírico que lhe assomava à lágrima, venceu a tentação do satanismo de feira e do franciscanismo de congresso e riu-se das boas (ou más) intenções em literatura. Salvou-se, assim, do abono de família».

Pintor, ilustrador dos seus próprios livros, foi igualmente autor de «Madrugada 60», «Contos do Gin Tónico», «A Imagem Devolvida», «Mário e Isabel», «Casos de Direi-

to Galáctico», «Lisboa ao Voo do Pássaro» e destes «Novos Contos do Gin», onde o seu talento de contador de histórias extraordinárias ficou novamente confirmado.

Eis um exemplo:

«Telefonema

«Telefonaram-lhe para casa e perguntaram-lhe se estava em casa.

«Foi então que deu pelo facto. Realmente tinha morrido havia já dezassete dias.

«Por vezes as perguntas estúpidas são de extrema utilidade.»

Ou este, «Exageros»:

«O Alfredo atirou o jornal ao chão, irritadíssimo, e virou-se para mim:

«— Estes jornalistas! Passam a vida a inventar coisas, é o que te digo. Então não afirmam que, no Sardoal, foi encontrado um frango com três pernas! Vê lá tu! É preciso ter descaramento.

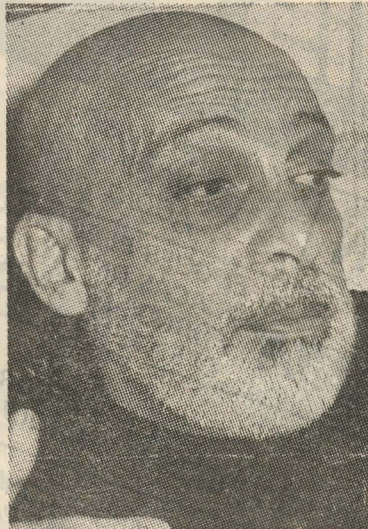
«Ajeitou-se melhor no sofá e, realmente indignado, coçou a tromba com a pata do meio.»

Ou ainda «O Repouso do Guerreiro»:

«Depois de ter andado bastante tempo de um lado para o outro, voltou a casa, já com 50 anos.

«Trazia um bicho. Uma panterazinha negra de 6 meses, cheia de tumura, amizade e dentes.

«Então resolveu ficar sentado,



Um pouco de «gin» e muita crueldade no humor de Mário-Henrique Leiria

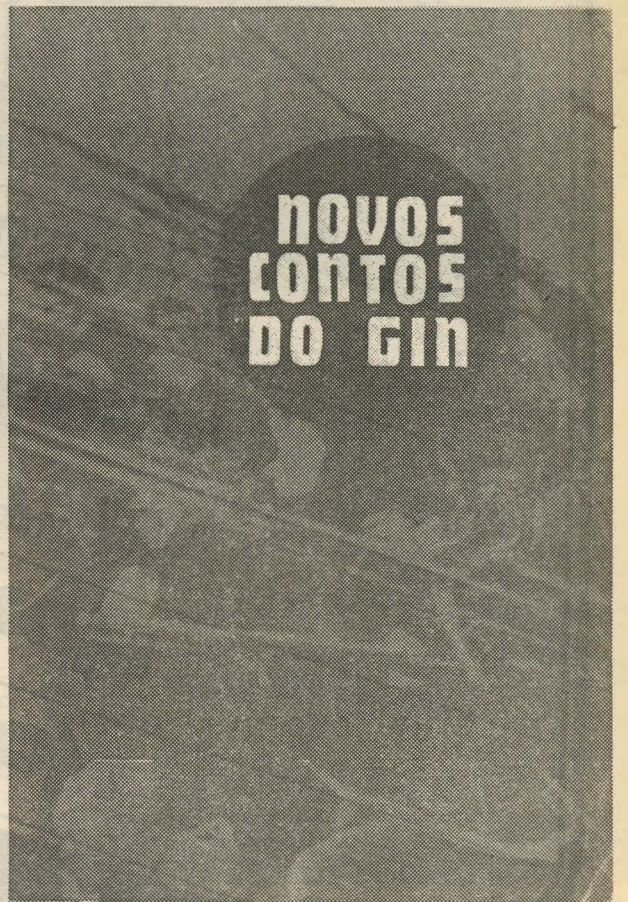
olhando a TV, os livros, alguma música e várias bebidas.

«Três anos depois, ou talvez um pouco mais, não estou agora certo, alguns amigos acharam graça ir visitá-lo.

«Foram.

«Bateram à porta.

«Apareceram dois meninos a abri-la. Dois meninos escuros, com dentes eficazes e sorriso amigo. Rosnavam ternamente.»



1974

«IR À GUERRA»

De MODESTO NAVARRO

CONQUISTA DA LIBERDADE

EM 1974, o assunto de interesse geral não foi propriamente a literatura. O tempo não estava para romances mas sim para o choque de ideias e de concepções do mundo e da vida (a que a literatura nunca esteve alheia, aliás...). De qualquer modo, por essa razão ou por outra, não se pode dizer que tenha sido um ano rico em obras literárias. Mas entre os poucos romances publicados merece destaque especial um deles, por se tratar do primeiro que saiu tendo como tema a guerra colonial, a que a Revolução de Abril tinha precisamente posto termo.

«Ir à Guerra», de António Modesto Navarro, é assim o primeiro romance publicado em liberdade (a primeira edição é de Outubro de 1974) a analisar em profundidade a guerra, especialmente a que se travava em Moçambique.

Tendo ele próprio vivido essa terrível experiência, Modesto Navarro já tinha falado dela num livro de contos anteriormente editado, com o título «História do Soldado Que não Foi Condecorado».

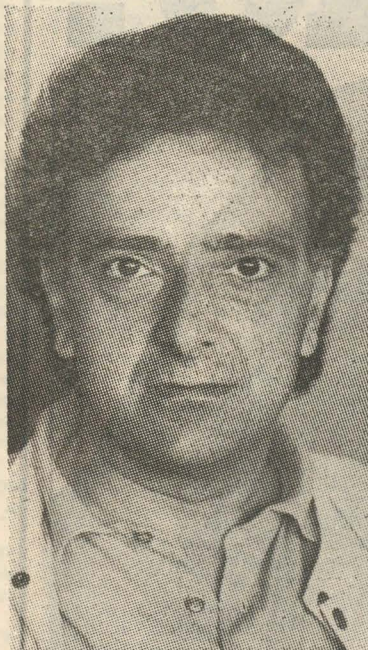
Clotário, o protagonista de «Ir à Guerra», vem a Lisboa para a inspecção militar, é seleccionado para os fuzileiros, faz a recruta e é mobilizado, sem poder fugir a essa condenação. E, um dia, o jovem provinciano descobre-se em África: «Perante o céu azul, a baía. Ao primeiro contacto, uma placidez que embriaga. Eis África, submersa numa cidade logo ocidental, ruína da Europa. Aqui está o cais, amostra imediata da situação, com os carregadores naturais vestidos de farrapos, ágeis. É um cais longo, o de Lourenço Marques; barcos acostados carregam e descarregam mercadorias e pessoas. É um sentimento misto de abulia e

desespero, este de entrar em terreno desconhecido, onde os naturais andam descalços logo ali, donos de uma vida mas só interior.»

Depois, os combates, em que Clotário continuava a aprendizagem perante «uma guerra que enchia os bolsos a alguns superiores, enquanto um ou outro deles se revoltava».

«E um cheiro no ar: a violência. Contada das passagens mato fora, pelos fuzileiros especiais; ficavam à tarde em monte, à entrada das casernas, enquanto no campo os senhores oficiais jogavam uns contra os outros.» (...) «Por vezes a raiva subia por ali acima, naquele estar preso às paredes da caserna (...), os homens começavam a ficar histéricos, até desatarem aos gritos por causa de mais uma guarda ou da saída para o mato que se avizinhava.»

Pouco a pouco, Clotário passa para o «outro lado», quer dizer, não à guerra. Por fim, adoece e regressa a Portugal, com uma convicção: «Sabia que tinha muito a passar até conquistar a liberdade. Aquela farda branca era ainda o



Modesto Navarro foi o primeiro, logo em 1974, a escrever sobre a guerra colonial

símbolo de perto de dois anos de vergonha em África.» Mas quando despe a farda decide que «ia ficar ao lado dos amigos, ao lado de todos os amigos do mundo, na conquista da liberdade para quem é explorado».



Electrolis

COM ELECTRODOMÉSTICOS, LDA.

FERGUSON

TELEVISÃO
VIDEO
AUDIO

laGERMANIA

FOGÕES ELECTRICOS, A GAS E MISTOS
PLACAS DE ENCASTRAR
FORNOS DE ENCASTRAR
C/ SISTEMA MULTI-FUNÇÕES

W White-Westinghouse

FRIGORIFICOS
MÁQUINAS DE LAVAR

MONDIAL
frigor

ARCAS CONGELADORAS — FRIGORÍFICOS
VITRINAS P/ LACTÍNIOS E GELADOS
ARREFECEDORES GARRAFAS

MONDIAL
FOGÕES

FOGÕES ELÉCTRICOS, A GÁS E MISTOS

SEDE / LEIRIA
R. João de Deus, 5. 1. — 2400 LEIRIA
Telefones: 334 01 334 17 — Telex ELIND P e 132 239 ELISP
Telefax: 32 139

DELEGAÇÃO / LISBOA
Rua dos Correios, 14. 4. — 1100 LISBOA
Telef. 32 13 81/2 — Telex 16 817

DELEGAÇÃO / NORTE
Rua Nova do Seixo, 271 — 4450 SENHORA DA HORA
Telefones: 951 97 00 - 952 02 28
Telex 28 877 ELISPO P

Os amigos estão sempre à mão!

E há amigos indispensáveis que partilham connosco alguns bons instantes das nossas vidas. Com um gesto enchemos de música um momento de pausa, sorrimos à ternura de um brinquedo que se move, pomos luz na escuridão rompemos o silêncio. Em qualquer situação, TUDOR é um amigo que partilha connosco.



pilhas

Tudor

sempre à mão!

RALLY PARIS-DAKAR



O NOSSO LUGAR NA COMPETIÇÃO É A ASSISTÊNCIA!

MESMO NA MAIS DURA PROVA

...Passa pela

CATERPNEUS

QUINTA VELHA-BEIROLAS-MOSCAVIDE
1885 LISBOA - TELEX 17182 CATERP P
☎ 251 28 56-251 30 45-252 13 48-252 13 98

LARGO DO ANDALUZ, 15, AC
1000 LISBOA ☎ 57 74 05/80

AV. LUÍSA TODI, 123-2900 SETÚBAL
☎ 25001/2

C. MARTIN DE LOS HEROS, 63
28008 MADRID
☎ 249 78 74

1975

«RÁPIDA A SOMBRA»

De VERGÍLIO FERREIRA

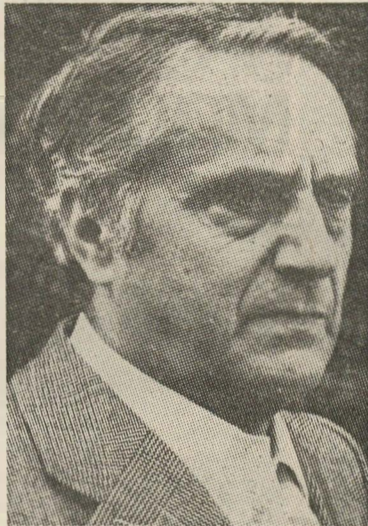
NO LIMIAR DA VELHICE

«O homem é o sonho de uma sombra» — dizia Píndaro. Vergílio Ferreira tomou esse verso como epígrafe para o seu romance «Rápida, a Sombra», em 1975. Terminado em Dezembro de 1973, é em pleno Março desse ano agitado de 1975 que este autor, longe das querelas políticas e das lutas pelo poder, publica um livro em que se fala dos seus temas de sempre: o *corpo*, «verdade primeira e última»; o regresso às *origens*, à aldeia, do escritor cansado de tudo; a difícil *solidão* que começa «quando já nada temos para companhia, uma mulher, uma ideia, um projecto que nos trabalhe por dentro»; o limiar da velhice, em que já não lhe resta nem talvez a imaginação porque mesmo isso cansa; a *morte* e o seu mistério — «que é que a morte quer dizer? Porque só quer dizer quando afinal diz pouco. Agora que diz tudo, não diz nada. Creio que o que em nós morre não é o passado mas o futuro e eu já não tenho futuro para morrer». A *Verdade*: «A única verdade da vida, aquela a que se chega depois de ter tido muitas e foram eficazes para mudar as coisas do seu sítio», «a última verdade da vida, aquela depois da qual já não há mais nenhuma, é estar rodeado de mortos, sem virilidade para fazer um vivo». E a verdade em si mesma é «não ter verdade nenhuma», «apenas estar», «ser-se sem se ser».

E ainda a *interrogação* à vida: «Porque a vida não dá para se perguntar muita coisa. Trazemos uma pergunta, vamos-lhe dando as res-

postas que podemos. Vamos respondendo, a pergunta está.» A reinvenção da *vida* depois de a ter esgotado. A *sabedoria*: «Todo o desastre aí — saber. Ser tudo o que se é sem saber que se é, para não haver intervalo onde se instale a aflicção.»

O protagonista desta história é um escritor mas toda a sua reflexão (a sua memória e o que ela recorda) se desenrola em tomo de uma circunstância: a de um raio de sol incidindo sobre a sua biblioteca e iluminando, sucessivamente, várias secções de livros. «A tarde apaga-se devagar, o raio de sol amortece sobre a secção metafísica — e se eu te procurasse aí? Se eu te encontrasse aí e nós os dois de mãos dadas meditássemos sobre o mistério do ser.» «A noite desce, é já tão tarde para aprender. Cruzado de lado a lado, o raio de sol. Empalidece rapidamente, uma cor fulva no estertor do fim. Fico a olhá-lo, os olhos nublados de água. Fico a olhá-lo, ele apaga-se por fim. Uma muralha de livros na sombra. A noite que desce», «os livros mudos na

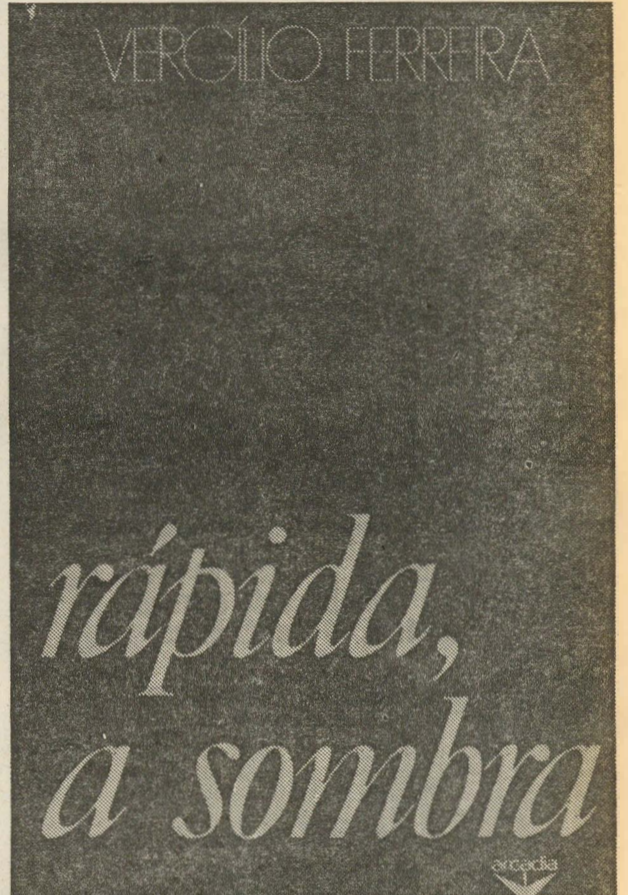


Longe da política, em 1975, Vergílio Ferreira reflectia acerca da velhice e da morte

sombra (...) Os livros mortos nos túmulos».

E o final: «Cansado de tudo — estás bem velho. Estamos ambos tão velhos. A luz apagada, corro ainda a vidraça da marquise. Olho distraído a cidade iluminada. Anoitece no mundo. Anoitece-me na vida.»

Rápida a sombra. Rápida, a vida. Quem o saberia dizer melhor?



1976

«CRÓNICA DO CRUZADO OSB.»

De AGUSTINA BESSA LUÍS

VIAGEM PELA REVOLUÇÃO

«Os meus livros recomendam-se como os peregrinos de Santiago, pelas conchas que têm no chapéu e que simbolizam a viagem no sentido supremo, de descoberta, testemunho e redenção. Cada livro é uma peregrinação; não precisa de passaporte e aviso que o distinga e lhe assegure hospitalidade» — escrevia Agustina Bessa-Luís em 1979. Três anos antes publicara «Crónica do Cruzado Osb.», um livro de que se pode dizer que constituiu uma «peregrinação» ao interior do período agitado dos dois primeiros anos da revolução de Abril.

«Crónica do Cruzado Osb.» é também o título de um livro escrito por um dos personagens deste romance, Josué da Silva. «Magoado com uma desgraça que afinal se baseava no mau uso da sua juventude — ele fora saneado do jornal onde ocupava um cargo na redacção — Josué lançou-se definitivamente a escrever (...) uma sátira muito viva e espirituosa e também mal intencionada, e que principiava com o pacto de D. Afonso Henriques e os cruzados para a conquista de Lisboa».

A chamada «revolução dos cravos» abala as figuras que passam por este romance:

«Toda essa gente cometeu a vulgaridade de se incomodar com a revolução, mais pelo facto de ela os ignorar, do que porque realmente ela os podia perder. Tinham levado muito tempo a compreender que toda a mansidão anterior não passava de uma anemia intelectual e moral; e a pressa que se seguiu em desenvolver uma acção que se proclamava original queria exactamente dizer que o Continente se achava esgotado e que estava a braços com uma civilização vazia e desproporcionada.»

«Saber quem constituía as maiorias perante o fenómeno revolucionário tornou-se um prolema que condensou quase totalmente a actividade dos partidos, do Governo e das classes não propriamente em luta, mas sensibilizadas para ela. A ditadura cria ditadores,

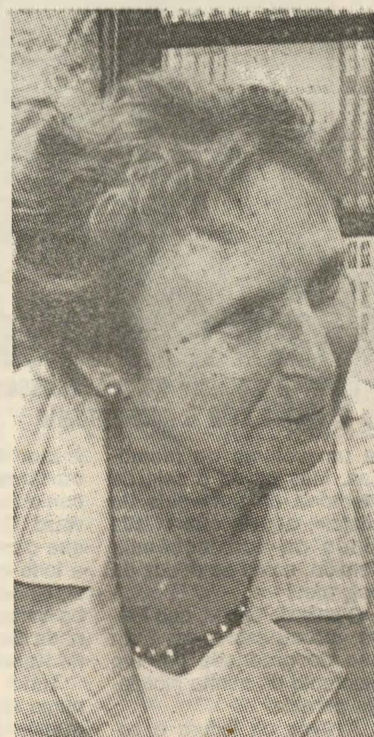
ou seja, grupos hostis ao verdadeiro interesse revolucionário. Contava-se que na manhã do 25 de Abril um homem da vinha e que tinha como defeito modesto embebedar-se, chegara à janela e gritara: 'Agora já posso matar!' Isto não chegou a constituir uma ameaça, foi só levado à conta de desabafo. Mas de facto significava a verdadeira voz da maioria, que não era revolucionária senão por carácter da sua indigência, repressão e invalidez moral. São estas fórmulas que dinamizam a revolução, sem atingirem, porém, a sua verdade histórica.»

«O primeiro movimento de muitos burgueses foi o de se adaptarem a uma atitude de vanguarda.»

E Agustina, com o seu estilo sentencioso habitual, não deixa de dissertar sobre os valores em causa nesses anos de 1974, 1975 e 1976:

«Em geral, ninguém estava muito ligado entre si, excepto se isso tivesse de significar uma resistência contra outra coisa. Contra a liberdade interior, face inexpugnável de cada um.»

«Agora que ia ser atirada ao vento a palavra sagrada da liberdade, ela vinha carregada de afrontas e de misérias várias; todavia, ficava no insondável da estrela de cada pessoa a razão da liberdade, uma qualidade do espírito intemporal do homem. Perder a paixão de si mesmo, como coisa criada do nada, isto é, sem princípio e fim em



«Crónica do Cruzado Osb.», de Agustina Bessa-Luís, teve a revolução como pano de fundo

outrem, isso era perder a liberdade. E, como imagem pobre disso mesmo, perder a liberdade era alienar-se aos bens do mundo, à protecção dos senhores, ao amor do ventre e da vitória.»



X — 20.º ANIVERSÁRIO

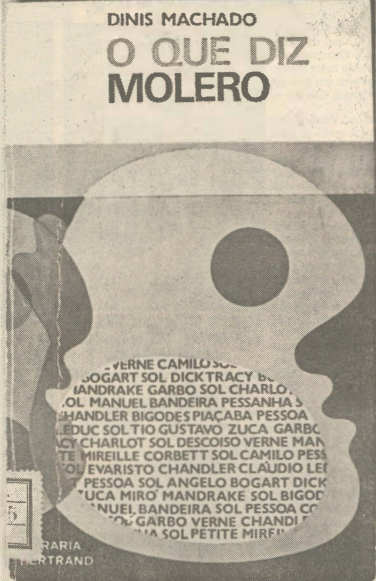
1977

«O QUE DIZ MOLERO»

De DINIS MACHADO



Rebuscando no «sócio da infância», Dinis Machado escreve, em 1977, «O Que Diz Molero»



DINIS MACHADO
O QUE DIZ
MOLERO

VERNE CAMILO SOL
BOGART SOL DICK TRACY BO
MANDRAKE GARBO SOL CHARLO
OL MANUEL BANDEIRA PESSANHA S
HANDLER BIGODES PIACABA PESSOA
EDUC SOL TIO GUSTAVO ZIJKA GARBU
CY CHARLOT SOL DESCOISO VERNE MIR
TY MIREILLE CORBETT SOL CAMILO PESS
OL EVARISTO CHANDLER CLAUDIO LEI
PESSOA SOL ANGELO BOGART DICK
UCA MIRO MANDRAKE SOL BIGOC
NUJEI BANDEIRA SOL PESSOA CC
OL SOL PÉTITE MIR!

MEMÓRIA DO PAÍS DE CRISTAL

EM 1977, Dinis Machado revelou-se publicamente como escritor, ao publicar «O que diz Molero». Até então ele tinha-se escondido pudicamente sob o pseudónimo de Dennis McShade, autor de vários romances policiais que muitos dos seus leitores tinham devorado sem saber que aquele nome com sabor americano não ocultava, afinal, um escritor português. Mas quem se teria atrevido, antes, a assinar policiais com o seu nome próprio português??

Todavia, naquele ano de 1977, o escritor venceu a barreira dos desconhecidos e apresentou-se ao público tal como era na realidade. Claro que o seu livro de estreia oficial não era um policial, como os outros anteriores. Todavia, não foi difícil para os leitores de Dennis McShade reconhecer nele ambientes, personagens e até mesmo figuras de estilo que indicavam, ser o novo livro um filho da mesma linhagem dos «antepassados».



Dinis Machado entrevistado pela «A Capital» quando publicou o seu primeiro romance assinado com o nome próprio

número dos leitores de policiais e, particularmente, dos «fans» de Dennis McShade — o livro teve logo cinco edições no ano de publicação, mais quatro no ano seguinte, duas em 1979, etc.

Nada mau para um livro de estreia — mesmo que o autor já escrevesse há uns aninhos.

Mas afinal o que é «O que diz Molero»?

Bom, cada um lê um livro com os olhos que tem, ou seja, lê-o à sua maneira. Apesar disso, parece claro que Dinis Machado fez um livro à custa do seu «sócio de infância», como diz de uma das personagens, sem ser propriamente

te um volume de memórias. Mas talvez o seja de memória de um «país de cristal», aquele que existia ainda na sua inocência perdida, como se deduz da epígrafe:

«O país de cristal, que longe que eu estou, dava um ano de ordenado por um momento da minha inocência perdida».

Através da leitura e comentário de um relatório de trezentas e doze páginas, escrito por Molero acerca de alguém com «infância estranha», revisámos ambientes da Lisboa dos anos Quarenta, incluindo o período da guerra, personagens da banda desenhada, como Dick Tracy e o pro-

fessor Tournesol, actores carismáticos do cinema como James Cagney e Edward G. Robinson, vozes que o mesmo cinema levou a todo o mundo (Tino Rossi, Nelson Eddy) ou, ainda, os vampiros e a alma danada de Frankenstein, Boris Karloff.

Tudo isto é muito mais numa linguagem essencialmente oral, de discurso fluente — são muito raros os parágrafos — e seguindo uma torrente de descrições.

Um livro que provavelmente se poderia ter sido escrito em Lisboa e por quem a conhece muito bem, por dentro, palmo a palmo.

1978

«FINISTERRA»

De CARLOS DE OLIVEIRA



«Finisterra»: título quase profético para um livro que seria o último de Carlos Oliveira, publicado três anos antes de morrer

carlos de oliveira
FINISTERRA
paisagem e povoamento
romance

Sá da Costa

ÚLTIMA FICÇÃO

CARLOS de Oliveira morreu em 1 de Julho de 1981 e «Finisterra» foi o seu último livro, publicado em 1978. Livro que, aliás, mereceu o Prémio Cidade de Lisboa do ano seguinte.

Com «Finisterra» Carlos de Oliveira regressou à ficção após 25 anos de ausência — a última incursão nesse domínio tinha sido feita em 1953, com «Uma Abelha na Chuva», adaptada, depois, ao cinema por Fernando Lopes.

Considerado um dos iniciadores do neo-realismo, Carlos de Oliveira tinha-se distinguido, sobretudo, na poesia, estreando-se com «Turismo» em 1942, a que se seguiram «Descida aos Infernos» em 1949, «Terra de Harmonia» em 1950, «Cantata» em 1960», «Poemas 1945-60» (uma recolha), «Sobre o Lado Esquerdo» em 1968, «Micropaisagem» em 1969, «Entre Duas Memórias» em 1971 (Prémio Imprensa de Literatura desse ano), e «Trabalho Poético», obra poética completa, em 1977-78.

Quanto à ficção, deu-nos também «Casa na Duna» em 1943, «Alcatraz» em 1944 — romances com forte componente social — e o já citado «Uma Abelha na Chuva», em que as mesmas preocupações de crítica ao sistema se encontravam patentes.

Um quarto de século depois, Carlos de Oliveira vol-



Carlos de Oliveira em com outro grande poeta, José Gomes Ferreira

tou ao romance com os pterres (mais ou menos muito especial, aparelhos da máquina: sinais temente diferente dos trabalhos intermitentes. O próprio título, «seguida (clarificado o recia indicar: «Finisterra-aria), nova ordenação, Paisagem e Povoamento», e acabamentos ne- No entanto, numa rota tráfego (aliás, muito mal, o autor dizia).

«Imitando um dos narraAquí está o romance dores deste livro (coincidência dos romances) escrito dência e necessidade enunciado há anos, sem também o autor coligentista de terem apareci- nua única pasta veio todos os papéis. Fo- papéis dispersos; algum agora (com a rel- dactilografados; outros do costume) o origi- manuscritos e às vezes passado a limpo, o al- (quase) ilegíveis. Deixa-embra-se que: a letra emaranhada, res) no capítulo XI, trans- cristificou lacunas, ordens (ipsis verbis, dita a tudo pelas diferenças caten) um certo número gráficos, a cor da tinta, e frases colhidas na mo-

nografia do padre João Rezende sobre a região: «b) e utiliza noutros pas- seus dois hipóteses (pseu- do) científicas ouvidas a Carlos Ganda, quando eram alunos do liceu; tanto tempo depois, surgem sem dúvida transfiguradas (como de resto continua). Lembra-se ainda doutra (sua) casa destruída: ob- sessões pessoais e sociais idênticas? Não lhe pareceu grave, dada a frequência com que sucede aos romancistas repetirem o essencial (para eles) em vários enredos. Grave seria, com certeza, não as ter aprofundado um pouco».

1979

«SINAIS DE FOGO»

De JORGE DE SENA



Jorge de Sena estreou-se como romancista com «Sinais de Fogo», em 1979 — aliás, um livro póstumo

OBRAS DE JORGE DE SENA
SINAIS DE FOGO
ROMANCE

ENCONTRO COM A POESIA

EM meados dos anos Quarenta Jorge de Sena tinha arquitetado um grande romance, ou um ciclo, com o título geral de «Monte Cativo» e que deveria ser um retrato da sua geração, entre 1936 e 1959. Desse vasto plano só conseguiu realizar o primeiro volume, que começou a escrever em 1963 ou 1964 e que seria publicado apenas em 1979 — «Sinais de Fogo».

A «explicação» do título surge-nos assim, a páginas 117 da primeira edição: «Acendi um cigarro. Onde iria jantar? Não me apetecia comer. Apetecia-me fugir. Para onde e porquê? E, de repente, ouvi dentro da minha cabeça uma frase: Sinais de fogo as almas se despedem, tranquilas e caladas, destas cinzas frias.» Olhei em volta. De onde viera aquilo? Quem me dissera aquilo? Que sentido tinha aquela frase? Tentei repeti-la para mim mesmo: Sinais de fogo... Mas esquecira-me do resto. Com esforço, reconstituí a sequência: «Sinais de fogo os homens se despedem, quando a noite da morte desce fria sobre o mar.» Não tinha sido aquilo. Era aquilo. E que significava? Seriam versos? Repeleti mentalmente: «Sinais de cinza os homens se despedem, lançando ao mar os



Longe do seu País, Jorge de Sena traçou um retrato impiedoso da sociedade portuguesa

barcos desta vida.» Novamente as palavras eram outras, ou quase as mesmas mas diversamente. Tinha aqui o papel do boiso e escreveu: «Sinais de fogo os homens se despedem, lançando ao mar os barcos descos desta vida.» Não o que escrevera. E depois? Olhei o mar que escurecia, com manchas claras que ondulavam largas. Os barcos iam pelo mar fora, e alguns havia lanternas acesas. «... Nas vastas águas... Era absurdo. Eu fazendo versos? Porquê? Amarrolei o papel e dei-tei-o fora. Mal amarrado,

ele foi desdoendo num voo balanceante. Até que pousou numa rocha. Al, vaciou, aquietau-se e, numa reviravolta súbita, deixou-se cair para o meio das pedras e sumiu. Era quase noite escura. Voltei para a cidade.»

Um romance em que o próprio Jorge de Sena entra como personagem e em que se fala da adolescência, da descoberta da sexualidade nos seus diversos aspectos, da vida escolar no liceu dos anos Trinta.

E, também, dos acontecimentos na vizinha Espanha: a República, a revolta

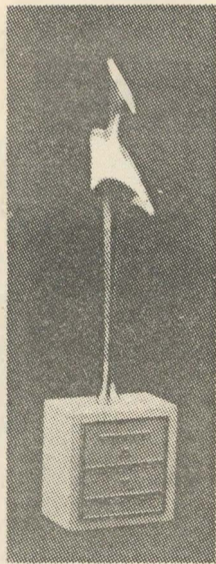
nacionalista, os refugiados espanhóis em Portugal, a morte de Sarjuro, o choque das ideias políticas, em simultâneo com os primeiros amores e paixões, o ódio, a morte, o jogo, as complicitades. E, no meio do turbilhão de encantos e desencantos, de afirmações e dúvidas, a descoberta da poesia, como uma necessidade interior do jovem que se faz adulto: «Aí ia eu, com três poemas em papéis, no fundo do bolso. Comecei a sentir-me ridículo, um pouco infantil, idiota, já que eu nunca pensara em mim como poeta.»



ibérico

HIPERMERCADO
PAÇO DO LUMIAR

FEIRA DO QUEIJO
E DOS
ENCHIDOS
DE
13 A 29 FEV.



Trofeu
Tradição e Prestígio
«Portugal 86»

SERVILIMPE

LIMPEZAS TÉCNICAS MECANIZADAS LDA



17 anos de uma verdadeira
empresa de serviços

APOIADA POR:

- preparação técnica profissional
- fabricação de produtos
- importação directa de máquinas

QUE LHE OFERECE:

- melhor preço
- melhor serviço

QUE POSSIBILITA:

- menos custos

PRESTIGIE-SE
ESCOLHENDO
UMA FIRMA
DE PRESTÍGIO

MELHOR QUALIDADE
LIMPEZAS DIÁRIAS EM:

Bancos, Escritórios, Fábricas, Hospitais, etc.

SERVILIMPE

LIMPEZAS TÉCNICAS MECANIZADAS, LDA.

RUA MAJOR NEUTEL ABREU, 12 — 1500 LISBOA
Telex 62395 SLIMPA P

☎ ★ 78 90 61 (PPCA 6 linhas)

DELEGAÇÃO EM COIMBRA:

RUA PADRE ESTÉVÃO CABRAL, 79, Sala 103
(Edif. Fernão de Magalhães)
Telef. 3 58 93 — 3000 COIMBRA

1980

«CRÓNICA DOS BONS MALANDROS»

De MÁRIO ZAMBUJAL

ASSALTO EM CHEIO À IRONIA

EM 1980 o livro mais importante foi «Crónica dos Bons Malandros», de Mário Zambujal. E isto apesar de nesse mesmo ano ter havido um livro de título «Levantado do Chão» e da autoria de um senhor que dá pelo nome de José Saramago...

Mas a verdade é que, para além dos problemas de qualidade ou de importância dos textos, o grande livro desse ano foi mesmo o de Mário Zambujal, que só em 1980 teve sete — edições — sete.

Curiosamente, «Crónica dos Bons Malandros» representou ainda a estreia de Mário Zambujal (jornalista profissional de longa data) nas lides literárias. Estreia auspiciosa, como se viu.

O livro foi, portanto, um êxito e até seduziu um realizador, Fernando Lopes, a adaptar ao cinema as suas histórias. No entanto, o filme apesar da magia das imagens, não conseguiu transmitir o gozo que o autor pôs neste texto tão divertido.

As reacções à «Crónica» foram as mais entusiásticas, e continuam a sê-lo ainda hoje, tendo, inclusive, o livro sido adoptado pelo ensino oficial. Houve quem comparasse os «Malandros» ao «Molero» de Dinis Machado e quem situasse este livro na mesma família literária dos romances de Lobo Antunes. E até mesmo o próprio Fernando Namora considerou a «Crónica» como «um livro ágil, hábil, matreiro, uma lufada de despretensão quer na escrita quer no recheio».

Talvez tivesse sido esse o segredo do êxito deste livro — a sua linguagem, posta ao serviço de uma história simples e carregada de ironia.

Renato «o Pacífico», Marlene, Flávio «o Doutor», Arnaldo Figurante, Pedro Justiceiro, Adelaide Magrinha e Silvino Bitoque, uma seleccionada quadrilha de bons malandros, resolvem assaltar o Museu Gulbenkian (nem mais nem menos) e roubar a famosa Coleção Lali-que. O assalto, que iria espantar o mundo, desenrola-se segundo o plano mais inacreditável e descrito desta maneira deliciosa:

«Silvino e Renato entreolharam-se, na Galeria de Arte do Extremo Oriente, precisamente às 16 e 18. «É agora: puxa!», ordena o Pacífico.

«Silvino envolve a mão num lenço de quadrados azuis, agarra a alavanca, dá

uma mirada em redor, ninguém deste lado, ninguém naquele, puxa de leve, piram-se cinco abelhas a experimentar o voo, ZZZZZZ, ZZZZZZ, ZZZZZZ, somem-se na direcção do Egipto, não tarda nada ouvem-se os primeiros gritos, gritos dilacerantes, de cortar o coração, e rebenta o cagaçal de pés em correria.

«Já está uma barulheira do escafandro», comenta Renato, e manda puxar outra vez, segunda dose, Silvino diz «okay chefe, lá vai disto», ZZZZZZ, ZZZZZZ, mais vinte e uma abelhas em três esquadrihas de sete revoltam no espaço afixando os ferrões, dois japoneses atravessam a galeria aos pulos, seguidos de uma sueca que enfia desesperadamente a mão no decote, uma abelha tinha-se lá ido meter, devia ser a abelha-mestra, cada vez mais gritos, impossível distinguir um grito sueco de um grito de Campo de Ourique, ZZZZZZ, ZZZZZZ, um cidadão espanhol quer encafuar-se numa arca francesa, Luís XVI, é o encafuas, já lá havia abelhas, duas de rabo alçado e ferrão em riste, o espanhol dá um salto como os bonecos nas caixas de surpresa, diz três obscenidades, mas foi em espanhol, passa, ZZZZZZ, ZZZZZZ, aparecem em pelotão compacto as meninas do colégio dando à perninha e berrando graciosamente.

«Puxa!», ordena de novo Renato, «quem me acaba o resto?», retruca Silvino, agarra-se à alavanca com a força toda, o fundo da caixa abre-se de par em par, «olha pra este cardume», entusiasma-se Silvino, «enxame» emenda Renato, «ou isso», concorda Silvino, ZZZZZZ, ZZZZZZ, cena terrível, centenas de abelhas iradas atacando em todas as direcções, apanham a excursão de alemães que se tinham reunido disciplinadamente à espera que a guia desse o sinal de partida, já não espe-



Mário Zambujal teve uma estrela auspiciosa com a sua «Crónica dos Bons Malandros»

ram, arrancam como foguetes, mas chocam de frente com os italianos que vinham à desfilada, julgavam que a porta era do outro lado, há feridos ligeiros, ZZZZZZ, ZZZZZZ, um japonês pára para tirar fotografias mas não tira, é atacado pela retaguarda, dá um pinote e foge agarrado à zona, toda a zona está a arder, fica uma Nikon exposta entre as obras de arte assíria.

«O Pacífico aprova o desenrolar das operações, 'bestial, bestial' ú, Silvino desata a rir mas uma abelha pica-o nas partes, espinoteia para fora da cadeira, fica a dar pulinhos com uns grandes pés calçados de ligaduras brancas, Renato vai esconder a cadeira atrás de um biombo chinês, está lá uma senhora abrindo e fechando a sombrinha para assustar as abelhas, ZZZZZZ, ZZZZZZ.

«Um turista suíço enrola-se num tapete persa e fica deitado ao comprido a fazer-se de morto, as meninas do colégio vinham correndo de narizitos no ar, catrapuzi, encaham no suíço atapetado de persa. estatela-se a primeira fila, de-



pois a segunda, a terceira, assim sucessivamente. Acaba por cair também a sueca que já tinha despido a camisola à procura da abelha-mestra, vinha com as mãos em cone, nos peitinhos, fingindo de 'soutien', afinal nem havia abelha, era só comichão,

ZZZZZZ, ZZZZZZ, mais de metade dos visitantes já se safaram do museu, coçam-se e rebolam-se na relva do jardim, outros já vão na Praça de Espanha batendo com os calcanhares nos traseiros.»

1981

«OS CORNOS DE CRONOS»

De AMÉRICO GUERREIRO DE SOUSA

AMAR CONTRA O TEMPO

DISTINGUIDO com o Prémio de originais de Autores Portugueses da Associação Portuguesa de Escritores, «Os Cornos de Cronos» foi publicado em 1981 por Américo Guerreiro de Sousa.

Este autor já no ano anterior nos tinha dado o seu primeiro romance, «Exercício no futuro». Neste segundo livro, Américo Guerreiro de Sousa, licenciado em Filosofia Germânica e leitor em universidades inglesas, abalançou-se a reescrever «O Retrato de Dorian Gray» com outras personagens e algumas diferenças.

«Os Cornos de Cronos» conta-nos a história de Alexandre tradutor de romances policiais e homem de 42 anos, que, depois de um casamento e várias tentativas de suicídios falhados, se apaixona por uma jovem de 40 anos.

Tudo corre pelo melhor até ao dia em que Alexandre fica noivo, oficialmente, de Ana Sofia:

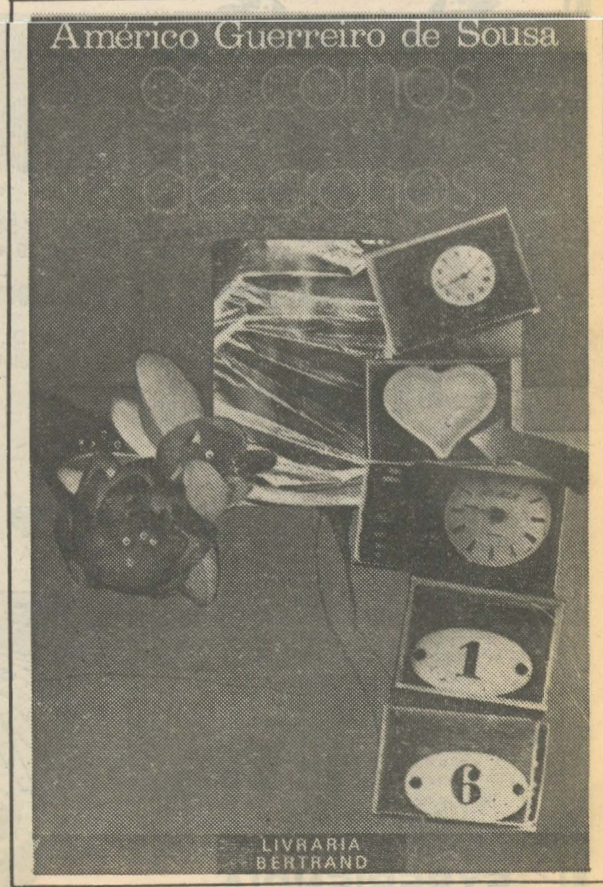
«E foi então que de repente, ao soar da hora no relógio de carrilhões, quando Ana Sofia se apertou contra mim e me disse que me amava, e eu senti que era verdade e que a única coisa que tínhamos a fazer era irmos para a cama e possuímo-nos: à última gota de sangue, e comprin-do-lhe as mãos eu lho dei a entender e ela respondeu apertando mais e mais contra o meu o seu corpo, ao ponto de o bom do padre se ter posto a contemplar a aspidastra do salão e Baltasar se ter ido reunir à família mais chegada e ter

tapado com as mãos os olhos da criança, que aliás a essa hora já caía de sono — foi então, irmãos, que o meu coração começou a bater no vazio e se tornou tenro e tenro, como um pedaço de carne que descongela rapidamente à aproximação do fogo, e uma grande frialdade me percorreu dos pés à cabeça, como se o gelo de vinte anos que me envolvera o coração se estivesse retirando desse pólo e fizesse a sua caminhada inexorável para o centro do corpo, como uma nova era glacial sobre o mundo. O coração descongelava apenas para que o frio cobrisse as outras porções dos meus limites, e todo eu era um bloco rígido, uma paralisia entorpecida-me as pernas, os braços, sentia o sangue fugir-me do rosto, e com a palidez mortal, o frio horrível que me invadia, vinha-me o peso dos anos, o horror da velhice, a certeza absoluta da morte: e com isto tudo a impossibili-



Grças a «Os Cornos de Cronos», Américo Guerreiro de Sousa conquistou um prémio da Associação Portuguesa de Escritores

dade do amor e a certeza da solidão». Alexandre foge então para esconder dos olhos de Ana Sofia a máscara da velhice progressiva. E quando a jovem um dia, mais tarde, o vai visitar nem o reconhece. Alexandre apresenta-se como sendo o tio do noivo e anuncia que este morreu... Agora só lhe resta preparar a morte autêntica. Entre a ironia e o drama, Américo Guerreiro de Sousa construiu um romance que se lê de um fôlego, numa linguagem clara e trabalhada com mestria.





MICROMOTOR L^{DA}

Assistência e Serviço Autorizado

Vendas

Peças ★ Viaturas

REPARAÇÕES

MECÂNICA – Especializada e apoiada

Com o mais moderno equipamento de DIAGNÓSTICO.

BATE-CHAPA – Altamente qualificada

Com o mais moderno Banco de ensaios.

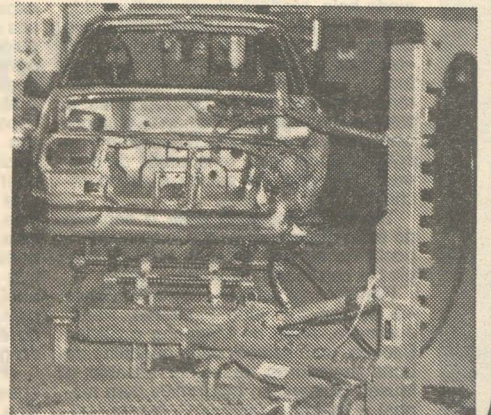
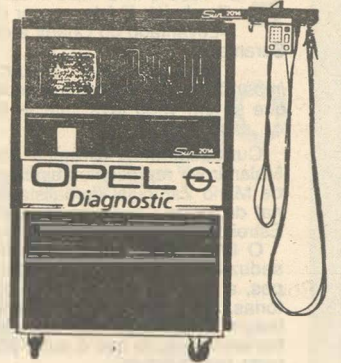
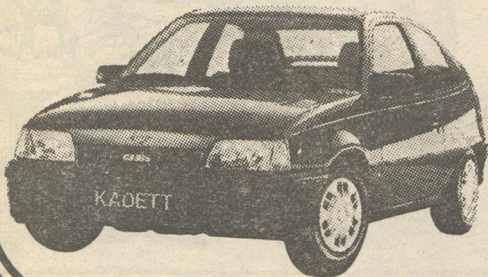
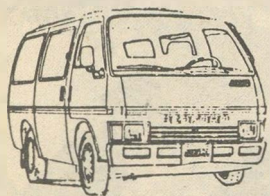
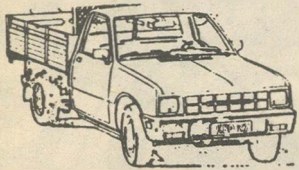
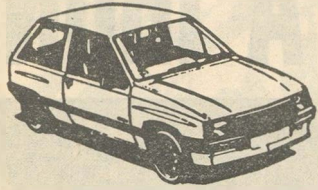
PINTURA – De alta qualidade

Com estufa e máquina de cores.

Atendimento personalizado

...Somos Profissionais

AV. PARIS, 3-B ★ ☎ 88 01 64/5 – LISBOA



150 ANOS



UMA MARCA DE REPUTAÇÃO NO CAMPO DA HORTICULTURA

José Afonso Duarte
LIMITADA


Rua de S. Nicolau, 24 • Tel. 86 67 54 - 86 34 26
Rua de S. Mamede, ao Caldas, 29 • LISBOA

SEMENTES JAD OESTE.

Telef. 061-98755/6
Sobreiro Curvo
TORRES VEDRAS

SEMENTES JAD ALGARVE

Largo Dr. Francisco Sá Carneiro, 65
Telef. 089-25375 — FARO

AGENTE EM LEIRIA 
Loja 24 — CENTRO COMERCIAL MARINGÁ
Telef. 044-33766



UTILIZE A NOSSA EXPERIÊNCIA



The ORIGINAL
RAF IRVIN®
Sheepskin
Flying Jacket

BLUSÕES DE CABEDAL ORIGINAIS DA RAF E USA DE ORIGEM SOB ENCOMENDA

PEÇAS E ACESSÓRIOS DE ORIGEM PARA AUTOMÓVEIS INGLESES E ALEMÃES A PARTIR DE 1925 ATÉ AOS ACTUAIS

**JAGUAR ★ MG
ROVER ★ VW**



**LOTUS ★ AUSTIN
MERCEDES**

PNEUS PARA TODAS AS MARCAS

CONSULTE: **J. A. GOUVEIA**
ABERTOS DAS 14.30 ÀS 21.30 H.

AVENIDA DO URUGUAI, 24-4.º, ESQ.º — TELEF. 714 34 27 — TELEX 62126

1982

«MEMORIAL DO CONVENTO»

De JOSÉ
SARAMAGO

PRÉMIO PASSA AO LADO

A carreira de um escritor é como a vida de qualquer homem — há uns que acertam à primeira, há outros que tentam sempre até acertar em cheio no alvo. Com José Saramago também assim foi. Longe de ser um novato nas letras já tinha no seu currículo catorze títulos antes de alcançar o sucesso nacional e internacional com «O Memorial do Convento». Mas valeu a pena esperar uma vida sem nunca desistir e depois ver o seu nome lançado aos quatro ventos, como uma das grandes revelações da ficção mundial, nesse ano de 1982 e nos seguintes.

Curiosamente, no ano que se lhe seguiu, quando o júri se reuniu para atribuir o Grande Prémio do Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores, Saramago não foi o escolhido. E não seria essa a primeira nem a última vez que um prémio lhe passou ao lado.

Mas que importa? Saramago «vingou-se» bem dos críticos distraídos: «Memorial do Convento» foi rapidamente conquistado pelo público, ou vice-versa, como se quisesse, e alcançou nada menos de 17 edições até agora, num total de 85 mil exemplares vendidos, além de ter sido traduzido em 8 países.

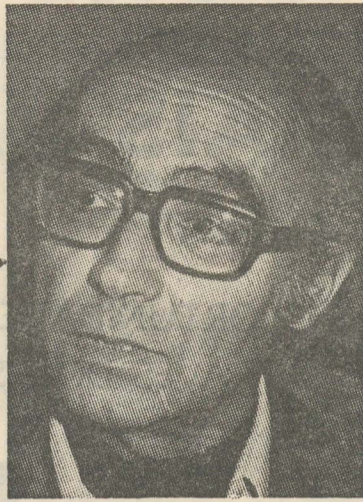
Além disso, «Memorial do Convento» teve um efeito retroactivo: obrigou o público a reparar melhor nos livros anteriores de Saramago. Escritor assim precisava de ser lido com mais atenção.

Todavia, bastava o «Memorial» para que Saramago ficasse com o nome inscrito no rol dos grandes escritores da nossa época.

O Convento de que ali se fala é o de Mafra, com o seu gigantismo, fruto aparente da megalomania de um rei, D. João V, ligado a uma promessa de fertilidade.

Mas o Convento é apenas um pretexto, aliás excelente, e verdadeiramente emblemático. O autor visa mais longe uma época, o controverso e riquíssimo século XVIII: o de Domenico Scarlatti, Bartolomeu de Gusmão e António José da Silva, chamado o Judeu; o da música barroca, da «Passarola» e da Inquisição que ainda matava hereges e cristãos-novos.

E, depois, porque a História é sobretudo vida, Saramago fala-nos de Baltasar Mateus, o Sete-Sois, antigo soldado que já não serve porque lhe falta a mão esquerda, e de Blimunda, mulher de olhos



«Memorial do Convento» não deu prémio a José Saramago, mas lançou o seu nome internacionalmente

como nunca se viram, e de estranha sabedoria e não menos estranhos poderes. «Eu posso olhar por dentro das pessoas», diz ela a Baltasar, estupefacto. E demonstra-o... E nós acreditamos em tudo o que o autor conta, enquanto seguimos, encantados, o relato desta grande paixão.

Baltasar acaba na fogueira com António José da Silva. Mas a sua vontade não subiu às estrelas. Ficou na terra com Blimunda.



1983

«PARA SEMPRE»

De VERGÍLIO
FERREIRA

PALAVRA FINAL

VERGÍLIO Ferreira publicou em finais de 1983 um dos seus melhores romances: «Para Sempre».

Título tão peremptório e definitivo que levou muitos dos seus leitores a pensar que se tratava do último livro, encerrando o ciclo de muitos outros romances. Inclusivamente, a própria história contada por Vergílio Ferreira, retomando os temas dos romances anteriores, mais nos ajudava a concluir que seria como que o «testamento literário» do autor. Recordemos as suas palavras iniciais:

«Para sempre. Aqui estou. É uma tarde de Verão, está quente. Tarde de Agosto. Olho-a em volta, na sufocação do calor, na posse final do meu destino. E uma comoção abrupta — sê calmo. Na aprendizagem serena do silêncio. Nada mais terás que aprender? Nada mais. Tu, e a vida que em ti foi acontecendo. E a que foi acontecendo aos outros — é a História que se diz? abro a porta do quintal. É um portão desconjuntado, as dobradiças a despegarem-se. Há muito tempo já que aqui não vinhas. Sandra era da cidade, gostava da capital, detestava a vida da aldeia. Lá ficou. Abro a porta devagar, ela range para o espaço do jardim. É um jardim morto, as plantas secas, os canteiros arrasados nas pedras que os limitavam. Alguns têm só terra ou hastes secas de roseiras. Vejo-as do portão, o carro à entrada a trabalhar. Depois meto-a na garagem, que é um barracão ao lado da casa. Um silêncio súbito, silêncio da terra. Só vozes ermas dos campos, ouço-as no ca-

lor parado da tarde. Reparo agora melhor no pequeno jardim. Uma selva bravia. As plantas selvagens irromperam de todo o lado, aos cantos dos muros à volta, junto à casa. Há algumas armações de madeira ainda, já apodrecidas, suspensas de arames, sem flores. Olho-o um instante, olho a casa, circunvago o olhar. Preparar o futuro — o futuro... E uma súbita ternura não sei porquê. Silêncio. Até ao oculto da tua comoção. Preparar o futuro, preparação para a morte. Está certo. Parte-se carregado de coisas, elas vão-se perdendo pelo caminho. Se ao menos uma breve ideia. Não tenho. Não é bem a vida que faz falta — só aquilo que a faz viver».

E a conclusão: «Estou só — estás só. Não penses. Não fales. És em ti apenas o máximo de ti. Qualquer coisa mais alta do que tu te assumiu e rejeitou como a árvore que se pode para crescer (...). De ti é apenas o silêncio sem mais e o eco de uma música em que ele se reabsorva. Pensa-o ardentemente,



«Para sempre» podia ter sido o último romance de Vergílio Ferreira mas é pelo menos uma obra definitiva

profundamente, absolutamente. Não és grande, terás apenas a mania das grandezas? O dia acaba devagar. Assume-o e aceita-o. É a palavra final, a da aceitação. Só os loucos e os iludidos a não sabem (...) Aqui estou. Na casa grande e deserta. Para sempre».

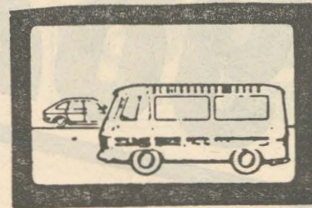
Afinal não era o último livro, como depois se viu. Mas ficou como um marco miliar no caminho deste grande escritor.

VERGÍLIO
FERREIRA

123

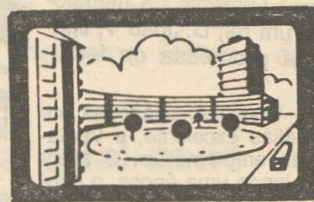
LIVRARIA SALTANO

CONCRETIZE UM PENSAMENTO...
...SEM PESAR NO ORÇAMENTO!!!



AINDA MAIS VANTAGENS!

INOVAÇÕES E NOVAS OPORTUNIDADES
ATRAVÉS DO SISTEMA **MULTIGRUP**

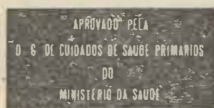


MULTIGRUP — PROMOÇÃO E GESTÃO DE CONSÓRCIO, LDA.
PRAÇA JOSÉ FONTANA, 17 - 5.º — 1000 LISBOA
TELEFS. 56 34 21 - 56 34 22

MULTIGRUP — PROMOÇÃO E GESTÃO DE CONSÓRCIO, LDA.
SOLICITO MAIS INFORMAÇÕES SEM QUALQUER COMPROMISSO
NOME _____
MORADA _____
C. P. _____
TEL. CASA _____
EMPREGO _____

NOS PROBLEMAS DA VIDA ACTUAL...

STRESS * FADIGA FÍSICA E MENTAL COLESTEROL * ENVELHECIMENTO PRECOCE **LECIFORT**



SUPLEMENTO DIETÉTICO

Lecitina de soja natural enriquecida com vitaminas E e do complexo B

- SEM CONTRA-INDICAÇÕES E EFEITOS COLATERAIS
- SEM ÁLCOOL E SEM AÇÚCAR

Porquê LECIFORT?

LECIFORT estimula o crescimento e a nutrição celular, pelo seu equilibrado valor em fosfolípidos e em vitaminas E e do complexo B

LECIFORT exerce uma importante acção nas funções nervosas, particularmente a nível do foro cerebral, pelo seu alto teor de fósforo total (1,8%)

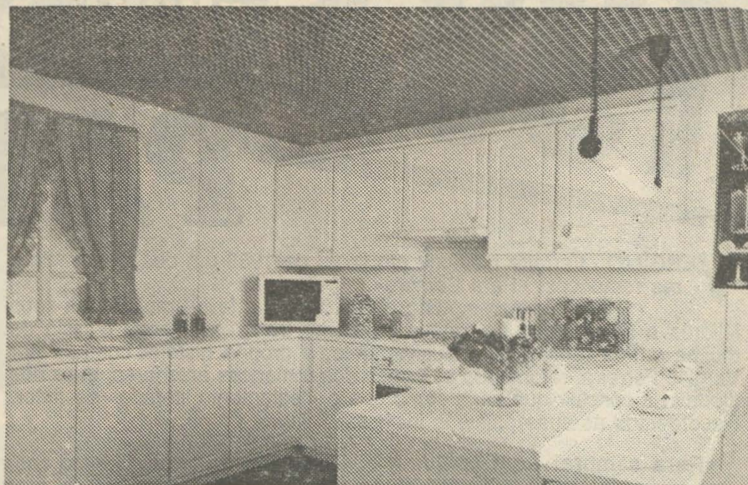
LECIFORT regulariza o metabolismo lipídico alterado, reduzindo a taxa hemética de colesterol, triglicéridos e ácidos gordos



INDÚSTRIA FARMACÉUTICA DESDE 1915

VENDA EXCLUSIVA EM FARMÁCIAS E CENTROS DIETÉTICOS

NOREMA PORTUGUESA, LDA.



COZINHAS • PORTAS DE CORRER • ARMÁRIOS • ESTANTES
QUARTOS • MESAS DE COZINHA • MESAS PARA HI-FI, TV E VÍDEO
SECRETÁRIAS E MUITO MAIS

FÁBRICA, EXPOSIÇÃO E LOJA — Zona Industrial de Tomar — SANTA CITA
2300 TOMAR — Telef. 38403 — Telex 43736

LOJAS EM LISBOA — R. Junqueira, 354 — 1300 LISBOA
Telef. 64 76 79 — Telex 18206
— R. Cons. A. Pedroso, 11-A — 1100 LISBOA
Telef. 55 59 64 — Telex 62056

LOJA NO PORTO — Cais Capelo Ivens, 749/750 — Telef. 39 34 79

AGORA TAMBÉM EM **ODIVELAS**
NA RUA JÚLIO DINIS, 24
TELEFONE 981 12 39

Agentes em todo o País

NOREMA
ONDE O SEU DINHEIRO VALE MAIS

1984

«O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS»

De JOSÉ SARAMAGO

TERRA ESPERA PELOS POETAS

«RICARDO REIS nasceu em 1887 (não me lembro do dia e do mês, mas tenho-os algures), no Porto, é médico e está presentemente no Brasil» — dizia Fernando Pessoa, em carta de 13 de Janeiro de 1935. No entanto, em 1984, José Saramago contou-nos como foi «O Ano da Morte de Ricardo Reis».

Ou seja: se Pessoa criou este heterónimo, inventou-o em todas as suas circunstâncias, como se fosse verdadeiro e diferente de si, deixando-o a viver no Brasil, Saramago assume essa invenção até ao fim e relata o que passou entre o regresso do dr. Ricardo Reis, em 29 de Dezembro de 1935, a Lisboa, e a sua morte, em 1936.

Aquele homem grisalho, seco de carnes, com um leve sotaque brasileiro, há dezasseis anos que se encontrava fora do País. Instala-se no hotel Bragança traz consigo os versos que escreveu, percorre a cidade, vai aos jornais ler a notícia da morte de Pessoa, e ao Cemitério dos Prazeres visitar o jazigo que guardava «o corpo apodrecido de um fazedor de versos que deixou a sua parte de loucura no mundo».

Mas depois é o próprio Fernando Pessoa que o vem visitar ao quarto do hotel e lhe diz: «Soube que me foi visitar, eu não estava, mas disseram-me quando cheguei, e Ricardo Reis respondeu assim. Pensei que estivesse, pensei que nunca de lá saísse, por enquanto saio, ainda tenho um oito meses para circular à vontade, explicou Fernando Pessoa». Reis mostra-lhe porque razão voltou: um telegrama de Álvaro Campos avisou-o da morte do amigo comum. Pessoa «já não sabe ler» o telegrama e

também não consegue vêr-se ao espelho, embora tenha sombra. Mas sabe tudo, «quando se está morto sabe-se tudo, é uma das vantagens». A outra é a de ninguém o ver se ele não quiser.

Ricardo Reis também encontra Lídia, criada no mesmo hotel onde se encontra alojado, mas bem diferente da «dos versos, que nunca soube que gemidos e suspiros estes são, não fez mais que estar sentada à beira dos regatos, a ouvir dizer, sofre, Lídia, do medo do destino». Como lhe diz o irónico Pessoa, ele trocou a Lídia etérea «por uma Lídia de encher as mãos, que eu bem a vi lá no hotel».

E ainda conhece um país cinzento, vivendo em plena ditadura, um Estado policiado (a cuja vigilância Ricardo Reis não escapa), ao lado de uma Espanha à beira da guerra civil. Portugal onde «o mar acaba e a terra principia», onde o mar se acabou e a terra espera»



José Saramago deu vida (e morte) a Ricardo Reis, em 1984

— palavras do início e do fim deste romance, a partir do qual ninguém mais pode dizer que Ricardo Reis nunca existiu. Apenas porque Saramago lhe deu vida durante 400 páginas.

José Saramago

O Ano da Morte de Ricardo Reis

Romance



ADIRAMAO DO ADIRAMAO

editorial CAMINHO

o Campo da Palavra

1985

«AUTO DOS DANADOS»

De ANTÓNIO LOBO ANTUNES

TEATRO DE FANTOCHES TRÁGICOS

EM 1985 Lobo Antunes publicou aquele que é, quanto a nós, o seu melhor romance até hoje — «Auto dos Danados» — e que veio a conquistar o Grande Prémio da Associação Portuguesa de Escritores.

Neste sexto romance, Lobo Antunes mergulha em memórias pessoais e íntimas para traçar o quadro de uma família no período mais «quente» da revolução.

«No fundo, isto é um teatro de robertos, de fantoches trágicos» — dizia-nos o autor, comentando este livro em que descreve o desagregar de uma família, «uma daquelas famílias que existiam antes de 25 de Abril de 1974 — e que ainda hoje existem».

Diversos membros dessa família tomada como modelo surgem um a um em cena e contam-nos a sua própria destruição e a do universo à sua volta. E fazem-no de uma forma cruel, terrível, trágica, por vezes verdadeiramente demencial.

Lobo Antunes ainda pensou em encontrar uma maneira diferente de dizer (um tom de voz, uma linguagem) para cada uma das várias personagens do romance. «Mas depois pensei: são títeres, são como robertos (eu gosto muito do teatro de fantoches, na praia, com os miúdos...). Então, para conseguir mais efeito, talvez tenha de os pôr a falar todos da mesma forma, com a mesma voz. No fundo, isto é um teatro de robertos, de fantoches trágicos».

O agente americano de Lobo Antunes comparou este romance ao filme «Shining», de Stanley Ku-

brick, por ser igualmente apavorante e envolver todas as personagens na mesma rede de horror e de destruição mútua.

Mas também se pode considerá-lo como uma espécie de «descida aos infernos» do próprio autor que reconhece que o livro pode ter uma função de catarse, embora o seu sonho fosse «escrever um livro do qual as pessoas saíssem de gatas...»

Efectivamente, «Auto dos Danados» é um romance difícil de ler, pelo ambiente infernal, de «danção universal», que consegue mostrar. O inferno que as personagens carregam dentro de si tem o seu clímax numa festa meio-paga, meio-cristã, que decorre em Mon-saraz.

No entanto, apesar desse ambiente opressivo, o romance termina com uma réstea de esperança: na casa vazia, saqueada, há uma mulher que espera um homem feito em farrapos, apenas porque lhe passou pela cabeça que podia precisar de si...

Médico e escritor, cada vez mais escritor e menos médico, Lobo Antunes confessa-nos a propósito



«Auto dos Danados» deu a Lobo Antunes o mais importante dos prémios literários

deste livro: «As vezes sinto que se não escrever estou a renegar, a trair qualquer coisa que me deram e que tenho obrigação de fazer».

Obras de ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Auto dos Danados

Publicações Dom Quixote

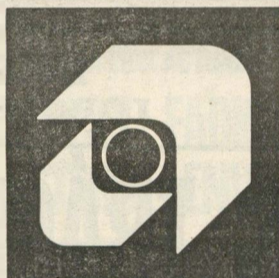
PRODUTOS DE HIGIENE, CONSERVAÇÃO E LIMPEZA

- Para o Lar
- Hotéis
- Hospitais
- Cantinas
- Restaurantes
- Fábricas



CHARNECA DE CAPARICA

O NOSSO OBJECTIVO É A QUALIDADE



ACTUAL
COMERCIO

**FOTOGRAFIA—VIDEO
COMPUTADORES
CALCULADORAS**

**RICOH MINOLTA EXAKTA PENTAX
Canon Panasonic SANYO CASIO
cinefoto avis ACTUAL**

igre IMAGEM

AMOREIRAS - Shopping Center de Lisboa
- loja 1113 (1.º piso) e loja 2048 (2.º piso)

R. TOMÁS RIBEIRO, 43-B

- Tel. 56 32 01

R. BRAAMCAMP, 9

- Tel. 55 48 67

R. NOVA DO ALMADA, 82/4

- Tel. 32 46 70

AV. DA IGREJA, 43-B

- Tel. 77 08 52

CENTRO COMERCIAL DE ALVALADE

- loja 5 - Tel. 80 49 04

CENTRO COMERCIAL DO LUMIAR

- lojas 25 e 26

GRUPO ACTUAL
COMERCIO



AMSTRAD "NOVIDADES"

	PVP
PC 1512 - 30 Mbytes - Écran monocromático	288 900\$00
PC 1512 - 30 Mbytes - Écran policromático	328 900\$00
PC 1512 - 40 Mbytes - Écran monocromático	309 900\$00
PC 1512 - 40 Mbytes - Écran policromático	347 900\$00

PORTÁTIL

PPC 512 S (1 Disk + 512 RAM)	133 900\$00
PPC 512 D (2 Disk + 512 RAM)	157 900\$00
PPC 640 S (1 Disk + 640 RAM + MODEM)	156 900\$00
PPC 640 D (2 Disk + 640 RAM + MODEM)	179 900\$00

(CONDIÇÕES DE PROMOÇÃO)

• IVA NÃO INCLuíDO À TAXA DE 17%

**ENTREGAS PARA MARÇO
ACEITAM-SE RESERVAS**



Tecnologia
Informática, Lda.

AV. CONDE VALBOM, 71, 2.º-ESQ.
1000 LISBOA — ☎ 73 63 16/91

1986

«UM AMOR FELIZ»

De DAVID
MOURÃO-FERREIRA

PAIXÃO E SÁTIRA

«HÁ horas felizes!» — dizem os cauteleiros, quando querem vender-nos a «sorte grande». No caso de David Mourão-Ferreira, podíamos dizer que ele também teve a sua hora feliz quando decidiu publicar o primeiro romance, por coincidência intitulado «Um Amor Feliz»...

A páginas tantas, o personagem principal, Fernão, simultaneamente escultor e narrador desta história, pergunta a um outro personagem, vago e quase evasivo, que dá pelo nome de David e fuma cachimbo — e que é obviamente o próprio autor: «Para que precisas, pois, de escrever um romance?»

Eis uma pergunta que todos nós, seus leitores, poderíamos ter feito a David Mourão-Ferreira. Que «necessidade» tem de escrever um romance quem se notabilizou já como poeta (um dos melhores contemporâneos), como crítico literário, como novelista, autor de teatro ou ensaísta?

Não precisava, mas escreveu. «Um Amor Feliz», como o título indica, fala-nos de um amor muito especial que se desenvolve tendo como pano de fundo uma sátira, nada disfarçada, a uma certa sociedade lisboeta dos nossos dias.

Exemplo: «Era o jantar de encerramento de mais umas Jornadas Internacionais de Pediatria, tão inevitavelmente inolvidáveis que já ninguém hoje se lembra delas. Depois da memorável sessão de fados para estrangeiro ouvir e esquecer, para estrangeiro não entender, para estrangeiro garantir que sim, que se extasiou, tínhamos-nos arredado um pouco, no último andar daquele hotel pseudocosmo-

polita, para o vão dessa janela de onde mal se via uma Lisboa suja-mente espectral, toscamente iluminada, a tiritar de desemprego, de expedientes e de salários em atraso, sob um esfarrapado capote de neveiro.»

Os críticos que escolheram este romance como o melhor do ano consideraram-no «um romance modelar» com «ingredientes que evocam toda a melhor tradição clássica», «o livro de mais ponderada e equilibrada estruturação ou concepção», «excepcionalmente bem escrito, com graça e ironia, com fluência e com ciência verbal e narrativa». «Mais do que uma história de mulheres é uma história da nossa modernidade, dos 'pífios anos 80', na sua dimensão política, literária, artística, mundana.»

Em todas estas apreciações o autor encontrou «novidades surpreendentes, relativamente ao romance. Mais do que «meras declarações de voto» elas representaram para si «abreviados ensaios»



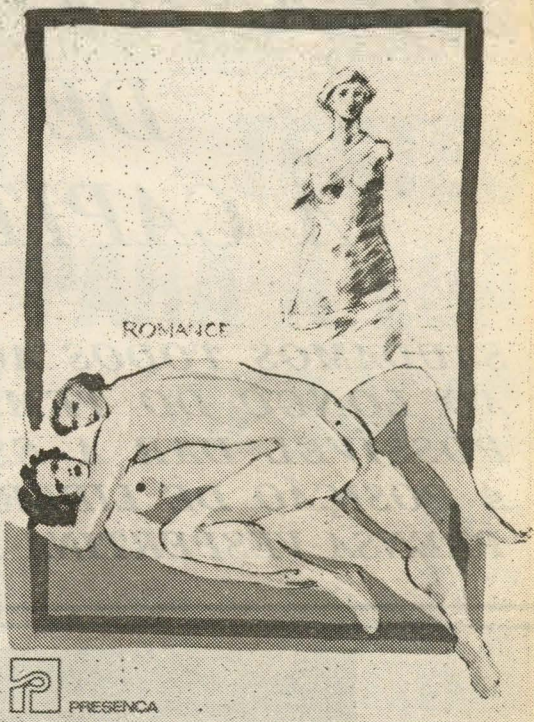
Quatro prémios, quatro edições, para «Um Amor Feliz», de David Mourão-Ferreira

que iluminam de uma forma extremamente inovadora o material romanesco de que é constituído 'Um Amor Feliz'.

Resta acrescentar que este romance, já em quarta edição (num total de 40 mil exemplares) conquistou ainda mais três prémios: o de narrativa do Pen Clube, o D. Dinis da Fundação da Casa de Mateus e de ficção do município de Lisboa.

DAVID MOURÃO-FERREIRA

UM AMOR FELIZ



1987

«ESTA NOITE SONHEI COM BRUEGHEL»

De FERNANDA BOTELHO

REGRESSO COM PINTURA ALUCINANTE

EM relação a 1987 ainda é, talvez, muito cedo para termos uma noção mais exacta de qual foi o grande livro desse ano. No entanto, entre várias hipóteses arriscamos uma, aliás já distinguida pela crítica com o seu prémio — falamos de «Esta Noite Sonhei com Brueghel», de Fernanda Botelho.

Considerada uma das vozes mais originais da poesia nos anos Cinquenta, Fernanda Botelho lançou-se ainda nessa mesma década como romancista a novelista com «O Ângulo Raso» e «Calendário Privado», em 1957 e 1958, e ainda em 1960 com «A Gata e a Fábula».

Essa nova faceta de Fernanda Botelho fez um David Mourão-Ferreira, por exemplo, saudá-la como «um dos mais fortes talentos novelísticos de toda a nossa história literária».

Quanto ao resto da crítica sublinhou o seu estilo acutilante, irónico, pessoalíssimo, o seu talento de construtora hábil de intrigas através de um estilo sóbrio e de adjetivação justa, formando uma obra única.

E agora, após largos anos de silêncio, Fernanda Botelho reaparece na cena literária com «Esta Noite Sonhei com Brueghel».

O título do romance é, simultaneamente, o de um livro dentro do livro, o título de um manuscrito de carácter autobiográfico que a protagonista do romance 'Luísa' começa em 1972 em Bruxelas e retoma 12 anos depois, em Lisboa.

Uma história de uma mulher dividida por afectos e inclinações va-

riadas — Rui, o primeiro marido; Pepe, o amante ideal e louco; Diogo, o segundo marido, com quem finalmente reconcilia a vida e os sentimentos.

Luísa, fascinada por Brueghel, uma noite sonha com este e penetra na atmosfera dos quadros alucinantes deste pintor flamengo:

«Já os homens se tinham dispersado e, para festejar o belo espectáculo, ofereciam entre si, nas estalagens ali próximas, rodadas de espumosa e fresca cerveja. Tinham todos eles fome e sede, por isso as loiras e carnudas criadilhas andavam num rodopio jovial, mais uns tantos pichéis para aqui, mais um naco de toucinho para acolá, uma pratada de arroz-doce para mais além — sorrindo donairosas aos galanteios pesados de um, escapando às imprudentes apalpadelas de outro, protestando com alarde apologético contra as

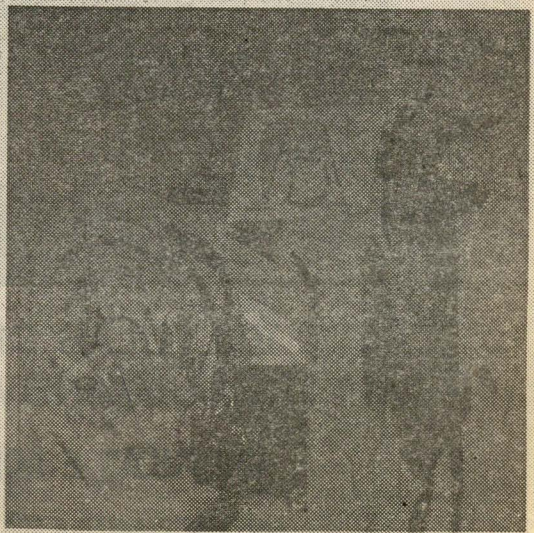


Fernanda Botelho regressou com um excelente romance, «Esta Noite Sonhei com Brueghel»

grosserias da maior parte, entre um vozeário surdo e contínuo, de quando em quando superado pelo coro de canções ora picares, ora obscenas.»

«Brueghel é o meu ponto de referência, pensa Luísa. A minha mãe é só memória, nunca a encontro, pobre dela! pobre de mim!»

FERNANDA BOTELHO

ESTA NOITE
SONHEI COM BRUEGHEL

C O N T E X T O

Aqui e Agora.

ASSOCIAMO-NOS AO 20.º ANIVERSÁRIO DE «A CAPITAL»

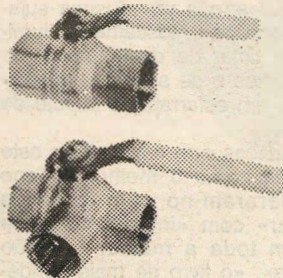
SAUDAMOS TODOS AQUELES QUE
AO LONGO DO TEMPO TORNAM
POSSÍVEL DAR A ESTE JORNAL
A POSIÇÃO DE LIDERANÇA NA IM-
PRENSA VESPERTINA PORTUGUESA

Aqui e Agora.

Você necessita encontrar agora este produto que a sua indústria precisa para evitar interrupções no processo de fabricação e deseja encontrá-lo aqui perto, com a garantia do fabri-

cante e o correspondente garante técnico. IMPORVÁLVULA, LDA. com a sua rede de vendas oferece, Aqui e Agora, este serviço.

ENTREGA IMEDIATA



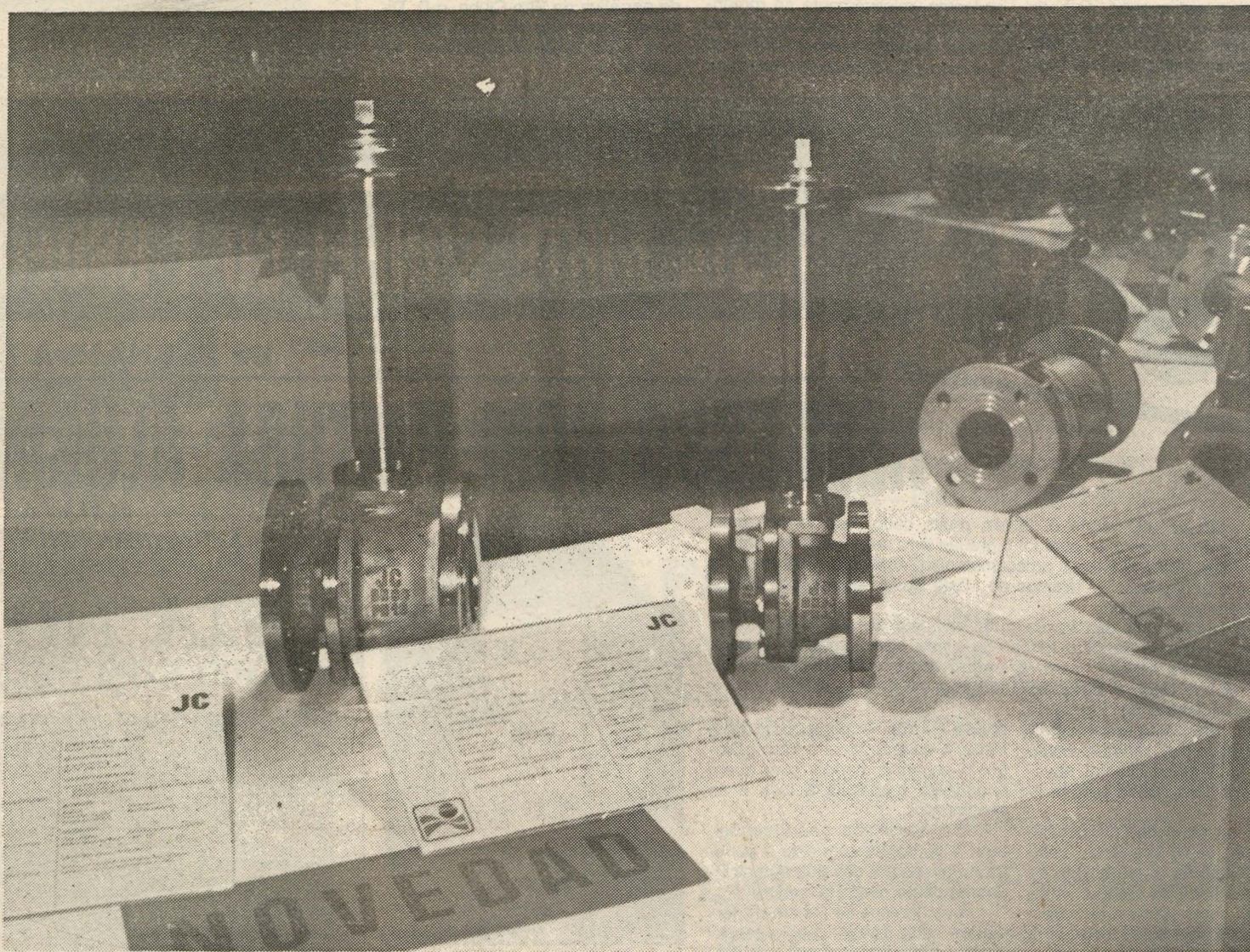
VÁLVULA DE BOLA S-2000 DE 2 E 3 VIAS

Diâmetro nominal : Desde DN-1/4" até DN-2 1/2"
Rating 2 vias : PN-42 até DN-1/4"
Rating 3 vias : PN-20 até DN 2 1/2"
Extremos : Roscados gas e NPT.
Construídas em : Latão com vedantes de PTFE e Buna N.
Comando por : Avaranca ou actuador pneumático.



Imporválvula Lda.

Sociedade Iberica de Válvulas e Acessórios, Lda.
Largo de Santos, 14 B-E. 1200 Lisboa. Telef. 67 87 87 - 67 61 31.
Tx. 14572 VALVES P. FAX: 67 81 67.



VÁLVULAS DE BOLA PARA TEMPERATURAS CRIOGÉNICAS,
UMA NOVIDADE APRESENTADA NA EXPOQUÍMIA 87

VÁLVULAS E ACESSÓRIOS DE TODOS OS TIPOS • PROJECTOS COMPLETOS

ANTES DE PLANEAR A SUA INSTALAÇÃO CONSULTE O DEPARTAMENTO TÉCNICO DE

 **Imporválvula**

SOCIEDADE IBÉRICA DE VÁLVULAS E ACESSÓRIOS, L.^{DA}
Largo de Santos, 14 B-E - 1200 LISBOA • Telef. 67 78 67 - 67 61 31
Tx. 14 572 VALVES P. FAX 67 81 67